

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º

Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

PORTUGAL que, lentamente, adquire a sua expressão nacional, ainda vive, em muitos ramos da sua actividade, dependente do estrangeiro. Não se trata da sugestão sempre aceitável, e até aconselhável em certos casos, mas da copia servil que tantas vezes tão mal se ajusta ao nosso «clima» e á nossa gente. Veja-se, por exemplo, o que se passa em materia de indumentaria.

A moda dos vestidos, dos chapéus, do calçado, das mil e uma bugigangas que constituem o arsenal da graça e do requinte feminino, vem em linha recta, de Paris ou de Hollywood, pelo transatlântico ou pelos comboios mais rapidos. As nossas modistas limitam-se a reproduzir em série o modelo «chez Lelong» ou «chez Jenny», muito ufanas das suas confecções de contrabando, nada sacrificando de sua casa á criação ligeira e facil da arte de bem vestir. O pior é que as portuguesas, isto não é de hoje, nem de ontem, aceitam esses uniformes de gosto e de estilo alheios, que muitas vezes as deformam e até ridicularizam com uma vaidade que ultrapassa as marcas do bom senso. Porque não reagir? Porque não estudam as nossas modistas e costureiros, servindo-se do lapis dos artistas, trajos de caracter português, dentro da evolução natural do tempo e dos caprichos da deliciosa Eva lusitana?

Modelos não faltam! Ha anos, Paris elegante delirou com um chapéu, considerado ultra-audacioso pelo feitio, que era, afinal, uma imitação dos que usam as mulheres do campo na Madeira.

Não é até certo ponto o bolero, caracteristicamente peninsular, arranjado ao trajo de lúes dos toureiros das duas nações? Temos ricos elementos de indumentaria a aproveitar e a estilizar, e mesmo quando assim não fôsse bastaria um bocadinho de invenção para criar uma moda portuguesa, libertando-nos assim da tutela incomoda da Rue de La Paix.

* * *

A FOLHA oficial publica a nota discriminada das recompensas atribuidas aos expositores oficiais e particulares da 1.ª Exposição Colonial do Porto, desde os grande-premios, e diplomas de honra até ás medalhas de bronze.

Na classe dos Pavilhões privativos só obtiveram grande-premios a Companhia de Moçambique, Guilherme Graham, Fabrica de Rio Vizela, jornal «O Seculo», Companhia Mercantil Portuguesa, Mario Navega e Fabrica de Sacavem.

* * *

FORAM aprovados, e estão publicados os estatutos da Sociedade Portuguesa de Estudos Eugenicos, de Coimbra, que tem por fim «promover o estudo científico de todas as questões pertencentes aos dominios da hereditariedade e eugenia que possam contribuir para a conservação e progresso da especie humana».

Um amigo de Portugal

Não sei se Lisboa ainda recorda o nome e a presença de Paulo Barreto, o grande escritor brasileiro que tanto e tão devotadamente a amava. É possível que não, apesar da pequena rua glorificada com o seu pseudonimo literario:—Travessa João do Rio, perto da Imprensa Nacional. Verdade é que Paulo Barreto merecia a consagração de maior e mais concorrida arteria da capital, de tal maneira celebrou e exaltou o encanto, o pitoresco, o ambiente sedutor da terra e da vida alfacinhas. Tinha por eles verdadeiro culto, desde que um dia, aqui desembarcando para se demorar apenas umas horas, a custo nos deixou passado algumas semanas! Lisboa cativava-lhe o espirito e o coração, enfeitava-lhe a alma. Nunca mais, depois dessa estadia inicial, deixou de permanecer longas semanas em Lisboa sempre que voltava á Europa. Foi talvez o primeiro brasileiro que ensinou aos seus compatriotas o caminho de Portugal. Antes do seu exemplo desvanecedor, a quasi totalidade dos viajantes oriundos do outro lado do Atlantico não se detinha aqui, rumo de Paris ou de Londres, senão os escassos minutos da escala do paquete...

No Rio de Janeiro ninguém desconhecia a paixão lisboeta de Paulo Barreto. E ainda não ha um mês, no discurso notabilissimo do illustre escritor Ribeiro Couto, quando da sua recepção na Academia Brasileira, essa paixão foi lembrada. Ribeiro Couto tomava posse da cadeira academica que fôra ocupada por João do Rio e, morto este, por Constanção Alves. Traçou, pois, e brilhantemente, o perfil literario dum e doutro. E falando de João do Rio, acentua as riquezas e segredos da sua sensibilidade delicada, mal oculta sob as cintilações da ironia e desdem lucido do dandismo mental, nestas palavras definitivas:

«No fundo de tantas complexidades fascinantes, triunfava a ternura e o entusiasmo, o sentido construtivo da solidariedade humana. Era então o critico do «Ramo de Loiro» (elogio de poetas e de artistas), era o professor do sentimento nacional nas conferencias do «Sésamo» e do «Adiante!», era o novelista doloroso do «Dentro da Noite», de «A Mulher e os Espelhos» e do «Rosario da Ilusão». Quem poderá esquecer o seu «Bêbê de Tarlatana Rosa», tapando com a máscara o monstruoso buraco do rosto, e procurando matar a fome de amor na confusão favoravel de um carnaval? Ou a «D. Joaquina», velha, vencida, como um trapo, entre chuvas de operários encorvejados, a caçar moedas altas horas da noite, pelas ruas escuras, para sustentar os filhos madraços?»

«Quasi toda a obra novelesca de Paulo Barreto é assim, como um jardim pela madrugada, povoado de sombras que se arrastam, que segredam, não se sabe se pedem esmola ou a satisfação de um vicio. Sua humanidade é equivocada, brochada na treva da noite. Quando nos mostra, numa sala mundana, a conversa elegante da gente de escol, é para logo meter uma historia triste, que por um instante espalha fremitos, evocando a miseria que anda lá por fora, no lusco-fusco dos lampeões, e se esconde por pudor. Entre esses dois extremos, a aristocracia dos salões e a plebe anonima das ruas, sua sensibilidade criou um tecido de compreensões cúmplices, estabeleceu uma comunicação invisivel, como a ensinar que por toda a parte, no alto e em baixo, é o mesmo ansioso bater do coração humano, e a mesma insofrida agitação dos corpos que pedem caricia e consolo...»

Retrato perfeito. Mas homem e escritor de tal agudeza e profundidade de sentir, sentia também as coisas inefaveis, os ideais arejados da vida—e «as secretas raizes que nos prendem ao solo». Explica então Ribeiro Couto os motivos intimos do patriotismo de João do Rio, ligando-o ao seu amor a Portugal:

«Toda a sua obra está cheia dessas raizes, que se incham de seiva, descendo voluptuosas no seio da terra brasileira. Poucos homens podem gabar-se, neste país, de haver escrito palavras tão claras e tão altas sobre o amor da patria, o dever de servi-la, o saboroso imperativo da aceitação e do entusiasmo. Faltava-lhe o senso tradicional da lingua? Não importa, sua lição de escritor vale pela nervosidade, pela procura de um ritmo novo, pela angustia de adaptar a expressão á sensibilidade moderna. A tradição, soube amala no passado da raça, como prova essa insistente meiguice pela terra portuguesa, que seus inimigos também não pouparam, insinuando que havia negocio onde cantava apenas o lirismo.

«Uma noite, na redacção da «Patria», contou-me o plano de um livro que pretendia escrever sobre Lisboa—desde a Lisboa das conquistas até á Lisboa de agora, fazendo desfilar através das ideias as diferentes fisio-nomias cidadinas:

«—Vai chamar-se: «A sonata de Lisboa ao luar».

«Esse interesse pelo espirito português não o impedia de, sendo bem da nossa gente, senti-la como o mais belicoso dos nativistas. Pelo contrario, era o carinho pela terra das nossas origens ocidentais que o fazia compreender melhor, e igualmente, a poesia do fenomeno brasileiro, na natureza e no povo».

Quem, dos amigos portugueses de Paulo Barreto, ignorava o projecto da «Sonata de Lisboa ao luar»? Suponho que todos o sabiam, ou suspeitavam, pelo menos. E já num ante-gosto das sua beleza e ritmo o delicioso prefacio dos «Fados e Canções de Portugal» nos trouxera, inesquecivelmente. Ficou o livro anunciado apenas em intenção. João do Rio morreu em plena mocidade, ao sair do jornal que fundára «A Patria», num automovel que o levava a sua casa. Mas a sua obra não morreu, nem sequer envelheceu, humano, intenso, sempre juvenil, como é.

Ribeiro Couto, analisando-a e evocando com penetrante e magistral poder de critica e admiração vibrante, praticou, sem duvida, um acto de justiça—digno do talento superior do novo academico brasileiro, e altamente simpatico a Portugal e aos portugueses, que á memoria de Paulo Barreto devem culto perene e fervor sem par.

MANUEL DE LISBOA

A ACADEMIA das Ciencias, na sua sessão de ontem, resolveu conferir o premio Ricardo Malheiro ao romancista Ferreira de Castro pelo seu belo livro—Terra Fria.

Éis um acto de justiça, sem que deixe de ser também uma perfeita gentileza.

No ano passado, foi o illustre Aquilino Ribeiro o vencedor. Este ano o aclamado autor de A Selva—romance que hoje singra victorioso, no encapelado mar das letras nacionais e internacionais.

O «Diário de Lisboa» felicita a Academia pelas duas acertadas escolhas. Ninguém dirá que o juri anda distraído ou padece de miopia: julga sem paixão, mas com pleno conhecimento de causa.

Ferreira de Castro que, na força da vida, já mostrou a qualidade do seu talento e—porque não dizê-lo também?—a do seu coração, está destinado a escrever uma obra cujo interesse irá crescendo de livro para livro.

Temos com isso a maior satisfação, porque sabemos da sua sinceridade e do amor com que ele trabalha, recusando-se a pôr a sua pena ao serviço de causas em que a materia supera o espirito.

Apesar de bastante novo, conhece a vida e as suas densas amarguras. Não é, pois, sem razão que ele brada ao egoismo humano:

—Cuidado, não pises a humilde urse que nasceu entre espinhos!

* * *

FOI publicado o decreto que autoriza o governo a fazer construir os novos edificios para a reitoria da Universidade de Lisboa e Faculdades de Letras e de Direito, assunto de que o «Diário de Lisboa» em sucessivos artigos se ocupou.

A comissão o ano passado nomeada para dirigir e administrar os novos hospitais escolares de Lisboa e do Porto dirigirá também as obras da construção dos novos edificios. Haverá uma comissão tecnica para os três novos edificios citados da Universidade de Lisboa, da qual farão parte um professor da Faculdade de Letras e outro da de Direito.

As verbas para os estudos e projectos dos futuros edificios saem do actual orçamento de despesas do Ministerio das Obras Publicas, e as despesas com a futura construção serão custeadas por uma verba a inscrever no Orçamento.

O sr. dr. Carneiro Pacheco, reitor, em exercicio, da Universidade de Lisboa deve sentir-se satisfeito por ver em bom caminho de realização este plano de trabalhos, que o prestigio das Faculdades instantaneamente requeria, e que se arrasta ha mais de uma dezena de anos.

* * *

FOI aberto um crédito especial de dez contos destinados a reforçar as verbas da dotação consignadas a despesas do Instituto Nacional de Trabalho e de Previdencia.

A este numero do «Diário de Lisboa», corresponde um suplemento literario de oito páginas

TEATROS E CINEMAS

«O Chico das Pegas»

Sem necessidade de maiores reclames, tão garantido está, antecipadamente, o êxito da sua estreia e o triunfo na sua carreira, é amanhã que se apresenta, em duas sessões, no Variedades, a celebre e consagrada opereta popular, baísta, O Chico das Pegas, original do mestre Eduardo Schwalbach, musica do saudoso maestro Filipe Duarte. No seu desempenho participam os seguintes artistas: actores, Nascimento Fernandes, Estevão Amarante, Antonio Silva, José Gambôa, Artur Rodrigues, João Calazans, Reginaldo Duarte, Alfredo Silva, Henrique Pereira e Celestino Ribeiro, e as actrizes Maria Sampaio, Josefina Silva, Dina Tereza, Maria Corte Real, Elvira Velez, Irene Velez, Aurora Dubini e Suecia Gonçalves.

«Sol Poente», no Nacional

E' amanhã que se estreia no Nacional a nova peça de Ramada Curto «Sol Poente», destinada, por certo, a ficar como uma das melhores produções do illustre dramaturgo. Tem Palmira Bastos em «Sol Poente», um papel á altura de seus reconhecidos meritos, papel que a grande artista saberá valorizar e transformar numa notável criação. A : : lado, terá Palmira a colaboração, sempre brilhante, de Amelia Rey Colaço e dos seus colegas Alvaro Benamor, Raul de Carvalho, Robles Monteiro, Alfredo Ruas e João Villaret.

Atrás do reposteiro

Ficou definitivamente marcada para a proxima terça-feira, no Maria Vitoria, a estreia em duas sessões, da nova revista de Lino Ferreira, Fernando Santos e Almeida Amaral, «Viva a Folia!» com que o empresario Lopo Lauer, com a companhia da illustre actriz Maria das Neves, vai inaugurar a temporada de inverno deste teatro, que está passando por varios melhoramentos, ficando de uma bela elegancia. Em «Viva a Folia!» reaparecem em Lisboa, ambos recém-chegados do Brasil, dois artistas: o popular e simpatico actor comico Santos Carvalho (Ricardo), cuja alegria é sempre um excelente cartaz numa peça, e Maria Albertina, a querida cantadeira detentora da «Guitarra de ouro» que, como actriz vai interpretar os numeros: «O capanga da Favéla», «Fernandinha», «A Rija» e «Morgadinha».

—E' hoje que se efectua no Carlos Alberto do Porto a estreia pela companhia Ilda Stichini-Alves da Costa, da peça historica «Rainha Santa», de Ruy Chianca.

—Segue amanhã para o Porto o maestro compositor Raul Portela, um dos autores da musica da nova revista de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, «Dito e feito», que se representará no Sá da Bandeira, a seguir a «Santo Antonlo».

—A nova comedia, em ensaios, no Trindade, «A arvore das patacas» e que se seguirá a «O Menino Virtuoso», ali em cena já será representada com encenação de mestre Antonio Pinheiro, que se encontra restabelecido da sua ultima doença.

—Estreia-se amanhã, em Agueda, a companhia Hortense Luz, cujo itinerario, até ao final do mês corrente, abrange os teatros

das seguintes terras: Matosinhos, Viana do Castelo, Barcelos, Santo Tirso, Famalicão e Braga, onde vai realizar uma serie de três espectaculos.

—Recomeçaram, no Avenida, os ensaios da comedia «O Alfinete», em que fazem a sua reaparição em Lisboa, na companhia Maria Matos, os artistas José da Cunha, no primeiro personagem masculino, e Berta de Bivar.

—Chegou ontem a Lisboa o empresario do S. João do Porto, sr. Alvaro Pires, que vem tratar de assuntos que se prendem com a exploração futura daquela casa de espectaculos.

—Estreia-se hoje na fantasia «O Fim do Mundo», no Coliseu, uma das mais extraordinarias atrações mundiais: os famosos Diane Belli Ryaux & Wood maravilhosos bailarinos, o assombro dos grandes testos de Londres, Paris, Berlim e Nova York.

—Brevemente actuarão no teatro do Gimnasio, Maria Esparza e Pilar Caverio, e se-

guidamente «Argentinita» já nossa conhecida do S. Luiz.

—Dania a alma da canção francesa, dá hoje a sua penultima exhibição no Gimnasio, onde se representa tambem com grande êxito a comedia «A Dama Branca», dos irmãos Quintero.

UMA DEFESA PERIGOSA

Antiga Confeitaria Pires
de J. TAVARES
68 - RUA DA PALMA - 70 TELEFONE 2 8068

BOLO REI
Amanhã e Domingo

Grande Espumoso
«TAGIDE»
BREVEMENTE A VENDA
NAS BOAS CASAS

OS MISERAVEIS
A Bíblia da Liberdade!
Poema da Raça Latina!
A obra prima duma Raça!

AVENIDA
Um novo êxito
da
Companhia
MARIA MATOS
O Amor... é o Diabo!
3 actos encantadores numa linda peça

TRINDADE
A COMEDIA DA MOCIDADE
O ÊXITO DA GRAÇA E DA ALEGRIA
O MENINO VIRTUOSO
com as duas «vedetas» da actualidade
IRENE IZIDRO e VASCO SANTANA
Domingo - A's 3 1/2 horas:
1.ª MATINEE

VARIEDADES
AMANHÃ
Duas sessões
A's 8,45 e 10,45 h.
O CHICO DAS PEGAS
Opereta, em 3 actos, de mestre Eduardo Schwalbach, musica do saudoso maestro Filipe Duarte
Reaparição de Estevão Amarante

Teatro Nacional
Hoje não ha espectáculo, para se realizar uma Sessão de Propaganda Política
AMANHÃ ás 21 e 30 AMANHÃ
1.ª Recita de Assinatura da época de Inverno
PRIMEIRA PEÇA NOVA
SOL POENTE
do Dr. RAMADA CURTO
PALMIRA BASTOS na protagonista, AMELIA REY COLAÇO noutro papel feminino
Alvaro Benamor, Raul de Carvalho, Alfredo Ruas, Robles Monteiro e João Villaret nos outros papéis. Palmira Bastos e Amelia Rey Colaço apresentam vestidos da Casa Lafourcade, Ld.ª, Avenida da Liberdade, 18, 4.ª

GIMNASIO HOJE - Às 9 1/2
Telef. 2 8801
Penultimo espectáculo com a genial artista
DAMIA
A alma da canção francesa que todas as noites obtem as maiores ovacões que ha memoria.
A abrir o espectáculo A encantadora peça dos irmãos Quinto
A DAMA BRANCA
Formidaveis criações de Adelina Abranches, Lucília Simões e Erico Braga

«O Amor... é o Diabol», no Avenida

A peça abre com um sorriso e termina com uma lagrima de ternura. Ontem, porém, houve mais lagrimas do que manda a rubrica. Humedeceram-se os olhos dos artistas e humedeceram-se os olhos dos alguns espectadores. E, contudo, o publico sublinhou toda a graça da peça. Estalaram gargalhadas na plateia, durante a representação. A primeira homenagem não excluiu a segunda. Joaquim Almada fez uma peça para rir. O publico riu. Prestou justiça ao autor. Se ele pudesse assistir, devia ficar contente. A comoção que os seus camaradas não puderam esconder, ao interpretar as figuras que ele animou com um sopro de vida, como se fossem a continuação da sua propria vida, da vida que se extinguiu, tambem devia ser grata ao seu coração.

A peça abre com um sorriso e esse sorriso mantem-se até ao final da representação. O 1.º acto serve a entretecer diante dos olhos do espectador os fios duma meada graciosa, que depois se ha de complicar no segundo e desembaraçar no terceiro, pela forma corrente e agradável por que estas coisas se resolvem sempre em teatro.

Se a intriga peca por um defeito, é sem duvida o de deixar demasiadamente á vista os cordelinhos de que o autor se serviu. Sente-se porventura mais do que seria para desêjar o processo, a tecnica, em prejuizo da naturalidade. O 3.º acto, menos cuidado que os dois primeiros, acusa mais essa insuficiencia. Ha um jogo artificial de entradas e saídas, que quebra o ritmo natural da peça e torna lento o desenrolar da acção.

A experiencia do homem de teatro venceu, no entanto, com brilho as dificuldades que se lhe depararam. A peça está recheada de ditos de espirito, com que a plateia riu francamente. Algumas cenas são modelares de sentido comico e as situações que o autor descobriu mantêm o interesse do publico durante os três actos da comedia.

Certas figuras, como a do «mano Anto-

nio», — que Joaquim Almada tratou carinhosamente e que destinava para si na distribuição — são desenhadas com um traço de bonhomia e uma grande riqueza de pormenores. A de M.ª Edwiges Pisafior, que Maria Matos encarnou com a sua habitual probidade, é porventura aquela que tem maior conteúdo psicologico, misto de ingenuidade, de presunção, de grotesco e de amargura, que são a imagem da propria vida, da vida falhada de uma solteirona sem atractivos, que sorri constantemente ao Amor e a quem o Deus caprichoso não sorri.

O amor, a mocidade, o sonho, a alegria de viver encarnam-se numa rapariga bonita e graciosa, exuberante de vida, que Maria Helena interpreta com uma frescura primaveril.

O papel que Joaquim Almada destinara para si, interpretou-o Assis Pacheco. A sua inteligencia e o seu incontestavel valor venceram brilhantemente as dificuldades duma substituição inesperada.

Samwell Diniz desempenhou com sobriedade e distincção o seu papel. Maria de Oliveira e Laura Fernandes, com assinalavel correcção. Carlos de Oliveira foi um fidalgo de maneiras que soube traduzir a fidalguia de sentimentos. A assinalar tambem, um bom apontamento de Barroso Lopes.

Mendonça de Carvalho, Abilio Alves, Antonio Palma, Azambuja e José Monteiro completaram acertadamente o conjunto.

No final, Maria Matos veio ao proscenio e pediu dois minutos de silencio pela memoria do seu desditoso camarada. O publico, de pé, conservou-se durante algum tempo numa attitude impressionante de recolhimento.

Pobre Joaquim Almada! Ontem, ainda o recordámos todos com sentida emoção. No dia em que a sua peça sair do cartaz, extinguir-se-ão os ultimos lampejos do seu espirito e começará então o esquecimento a envolver a sua memoria, enquanto a Vida retoma os seus direitos. — N. L.

guidamente «Argentinita» já nossa conhecida do S. Luiz.

—Dania a alma da canção francesa, dá hoje a sua penultima exhibição no Gimnasio, onde se representa tambem com grande êxito a comedia «A Dama Branca», dos irmãos Quintero.

«A grande jaula»



UMA DEFESA PERIGOSA

Grande Espumoso
«TAGIDE»
BREVEMENTE A VENDA
NAS BOAS CASAS

OS MISERAVEIS
A Bíblia da Liberdade!
Poema da Raça Latina!
A obra prima duma Raça!

AVENIDA
Um novo êxito
da
Companhia
MARIA MATOS
O Amor... é o Diabo!
3 actos encantadores numa linda peça

TRINDADE
A COMEDIA DA MOCIDADE
O ÊXITO DA GRAÇA E DA ALEGRIA
O MENINO VIRTUOSO
com as duas «vedetas» da actualidade
IRENE IZIDRO e VASCO SANTANA
Domingo - A's 3 1/2 horas:
1.ª MATINEE

VARIEDADES
AMANHÃ
Duas sessões
A's 8,45 e 10,45 h.
O CHICO DAS PEGAS
Opereta, em 3 actos, de mestre Eduardo Schwalbach, musica do saudoso maestro Filipe Duarte
Reaparição de Estevão Amarante

«A grande jaula» esgota diariamente as lotações do Central. O grande publico deu-lhe a preferencia esta semana. Espectaculos de grandes emoções foram sempre os preferidos. Neste filme de audacia, saber e temridade expõe-se a interessante arte de domesticar feras. Uma cena ha, porém, que esmaga os nossos nervos: um duelo forte de um tigre contra um leão.

Clyde Beatty e Anita Page são os principais interpretes desta formidavel pellicula distribuida pela «Sonoro Filme».

Actualidades

Em Londres, no Tribunal dos Divorcios, julgou-se a semana passada um processo movido por Lord Ashley contra sua mulher e... Douglas Fairbank. No tribunal provaram o adulterio e a sentença pronunciou-se a favor do Lord, sendo condemnado nas despesas o principal interprete da «Ultima aventura de D. João».

Lady Ashley, antes do seu casamento, chamava-se Silvia Hawkes e fôra artista celebre d «music-hall». Quiz agora fazer fitas... Que dirá a isto a nova realizadora Mary Pickford?

—Terminaram ontem os trabalhos de montagem de «As pupilas do sr. Reitor».

—Deve-se estrear muito em breve, no S. Luiz, um filme que se tornou celebre por dois motivos: o primeiro, pela sua tecnica e interpretação; o outro, por ter sido a rede onde caiu o celebre bandido Dillinger, morto a tiro pela policia quando saia do cinema em que se exhibia esse filme: «O inimigo publico n.º 1», que era inspirado nas suas proezas.

—Effectuou-se, ontem, com grande concorrencia na Sociedade Propaganda de Portugal (Sub-seção de Cinema) a IV sessão de cinema de amadores, 16 m/m. Exhibiram-se varias reportagens e documentarios curiosos da autoria dos srs. dr. Antonio de Meneses, engenheiros Carneiro Mendes e Santos Basto; e Fernando Ponte e Sousa, sendo os autores, no final dos seus trabalhos muito aplaudidos. Segundo anunciaram a V sessão terá lugar em janeiro proximo.

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ TEL. F. 17172
Lição de Amor

A's 21 e 30 com Maurice Chevalier

CENTRAL Telef. 2 4381
A GRANDE JAULA
com

A's 21 e 30 Anita Page e Clyde Beatty

CONDES TELEF. 22533
2.ª SEMANA
da versão francesa de
A canção duma noite
com Jean Kiepura, Magda Scheider Pierre Brasseur e Lucien Baroux

A's 21 e 15

ODEON Telef. 26 33
QUANDO

A's 21 e 15 UMA MULHER AMA

PALACIO Telef. 47163
com

A's 21 e 30 Norma Shearer e Robert Montgomery

POLITEAMA Telef. 2 6305
Não ha amor como o segundo

A's 21 e 30 com Elissa Landi e Warner Baxter

O Capitão dos Cosacos com José Mojica

A's 21 e 30

PARIS Tel. 2 8777
às 8 e 45

Uma noite acontecu... O PREÇO DUMA VIDA

Matinées as 5.ª sáb. e dom. às 15

CAPITOLIO O MONSTRO
Quando a vida sorri

Bilhetes desde 1\$60

TERRASSE A Imperatriz Vermelha

As 21 e 15 Telef. 20971 com Marlene Dietrich

LYS Telef. 4 8560
às 21 e 15 A Imperatriz Vermelha

com Marlene Dietrich

ROYAL GADO BRAVO

às 21 e 45

Telef. 4 6037 2.ª semana

Cultura cinematográfica

Filmes recomendados pelo Diário de Lisboa

Mais que os filmes em que esta semana os podem ver, devem interessar á curiosidade do leitor cinefilo estes dois bons artistas de cinema, ambos vedetas de grande cartaz, ambos estrelas de primeira grandeza no seu instável de Hollywood: Norma Shearer e Maurice Chevalier. Porisso vamos estudar os seus dois «casos», em tudo diferentes, mas que apresentam esta curiosa afinidade: tanto um como outro não disfrutam da simpatia geral nas suas respectivas patrias.

Falando da «Patria» de Norma Shearer, refiro-me evidentemente aos Estados Unidos da America do Norte. Não que Norma tenha nascido num dos 37 estados do tio Sam. Canadiana, como Mary Pickford, nasceu a 10 de agosto de 1904, na branca Montreal. Mas em 1927 casou com Irving Thalberg, o rapaz que preside, com Lowe Junior, aos destinos da Metro-Goldwin-Mayer, tornando-se portanto americana.

Chevalier, como todos sabem, é francês, parisiense, nascido em Menilmontant. Faz Não parece. Aliás, quarenta anos é a idade anos a 12 de setembro, e tem quarenta, em que as grandes vedetas masculinas de cinema atingem o apogeu. Assim foi com Douglas Fairbanks e com John Barrymore, assim seria com Rudolph Valentino, se não tivesse morrido aos trinta e poucos, e assim será com todos os demais, Gary Cooper, Frederick March, Robert Montgomery, Paul Muni, Clive Brook, todos os grandes de hoje, andam por lá á roda.

Para as vedetas femininas, a idade mais propicia á celebridade é a dos trinta—a idade de Norma Shearer.

Mas diziamos nós que tanto Norma Shearer como Chevalier não dispunham da simpatia unanime dos seus compatriotas.

Um grande sector do publico estado-unidense, o publico burguês, comandado e comanditado pelos gremios puritanos (os mesmos que fizeram votar a famigerada lei seca e constituem hoje a mais renitente opposição á N. R. A. de Roosevelt II), não lhe perdão o «desburguesamento» daquela burguesinha inteligente que usa a sua beleza como pasquim para atacar estes princípios da moral convencional, defendendo outros, mais arrojados, da moral humana. Uma verdadeira campanha, terrível como todas as campanhas americanas, levanta as suas *head-lines*—os seus cabeçalhos tonitruantes—contra a Lisistrata de Hollywood.

Feminista? Nada disso. Se o fosse, o puritanismo yankee encontraria nela certamente uma denodada paladina (é feio, e por isso mesmo o escrevemos) da *good way*, de bom caminho acolchoado de espinhos...

Norma Shearer e Maurice Chevalier

A verdade é que Norma Shearer, que sempre teve a sorte de fazer o que melhor lhe apetezia, encontrou sempre papéis dentro do seu feitio, de geito eminentemente mulheril, mas tocado dum intellectualismo que lhe fica bem. E' aquilo a que os ingleses, na sua curiosa versatilidade verbal, chamam *sophisticated*.

O *sophysticism* não exclui certa petulancia, certo arzinho de independencia ostensiva, que Norma Shearer irradia desde a sua primeira aparição no écran.

Norma fez o seu *debut* cinematografico na Fox, em 1921. Mas logo se passou para a Metro-Goldwin-Mayer, donde não saiu ainda nem é natural que saia mais, salvo qualquer cambalhota imprevisita. Lon Chaney, o esquecido e torturado Lon Chaney escolheu-a para sua parceira de trabalho. Parecia-lhe bem opôr ás suas caracterizções teratologicas aquela beleza fragil e perfeita. Não esquecem mais os olhos marejados da companheira do *Palhaço* (o filme extraído do *Homem que apanha bofetadas*, de Léonidas Andreiev), o deslumbramento da menina da *Torre das Mentiras* (o filme extraído do conto de Selma Lagerloff).

Mas foi a comédia *O Prego dum beijo* (His Secretary), que figurava no segundo programa do Odeon, em 1927, o filme que a lançou definitivamente. Lon Chaney fôra substituído por Lew Cody. Ao Príncipe do Sofrimento sucedia o Príncipe da *Morgue*...

Lew Cody, que morreu ha poucas semanas, foi em vida o interprete ideal do homem moderno, pôco de defeitos ingenuos e de qualidades complexas. *Gentleman*, bandido ou *businessman*, Cody, com o seu bigodinho ipconfundível (ainda ha bigodes ipconfundíveis!), deu a primeira réplica precisa ao caracter de Norma Shearer. Dum homem assim é que ela precisava. A idade era indifferente. Porisso Robert Montgomery, esse excelente ac'cr, lhe assenta como uma luva. Na *Riptied* (Quando uma mulher ama) é flagrante a sensação de felicidade possível que experimentamos quando contracenam. Pelo contrario, em frente de Herbert Marshall, o inolvidavel *Ladrão de Alcoa*, constrangido aqui a um papel de marido profundamente imbecil (embora não fosse essa a intenção de Edmund Goulding, autor do argumento e realizador), sentimos sempre forçado aquele amor e aquela felicidade.

Norma Shearer representa, no entanto, como nunca representou. E defende-nos como nunca o seu caracter anormal—á força de ser humano, sério e simples.

Se não fosse a ineptia da intriga (receita complicada para obter uma felicidade conjugal estável, á força de ameaças de cabeçadas, de cabeçadas propriamente ditas, de conselhos de família e de ensaios de divorcio), *Riptied* igualaria a *Divorcée*, graças ao trabalho de Norma Shearer. Mas na *Divorciada* havia Bob Leonard, o realizador do *Turbilhão da Dança*, com o seu sentido infalível do equilibrio cinematografico.

O caso de Maurice Chevalier é muito outro. Se a maioria dos franceses, depois de o

vitoriarem com entusiasmo o votaram a uma especie de ostracismo—destino fatal dos idólos que gosam em certo momento de exagerada veneração—não o fazem por motivos morais, mas patrióticos. Na terra onde só se canta opera em francês, onde se



MAURICE CHEVALIER
(visto por Amarelhe)

chama *rue Vasanton* á rua Washington, não perdoam a Maurice o seu contrato com a Paramount, e o seu inglês potável, apesar do roulement nacionalissimo dos erres.

Esquecem-se de que Maurice aprendeu a chamada lingua de Byron num campo de concentração de prisioneiros, na Alemanha, durante a guerra, quando o ex-electricista, ex-impresor, ex-dansarino de Mistinguett (que, para bem da sua gloria, não sabe uma palavra de inglês) era um *poilu* tão valente ou tão conformado como os mais.

Ainda vimos Chevalier no Casino de Paris aclamado pela multidão, que fazia bicha na rua de Clichy. Ainda o ouvimos repetir *doze vezes a Valentine*.

Depois veio o cinema sonoro, a America, a tentação do ouro... E os franceses torceram o nariz á *Canção de Paris*, deram a primazia dos elogios a Lubitsch e a Jeannette MacDonald, a proposito da *Grande Parada*, não ligaram nenhuma ao *Grande Charco*, revoltaram-se com a adaptação do *Petit Café* do barbudo Tristan Bernard (uma das coroas de Max Linder), passaram sous silence o *Tenente Sorridente*, *Uma hora contigo*, *Ama-me esta noite* (que é, sem duvida, a sua melhor criação e o melhor filme de Mammoullian), falaram muito do *Bébé Leroy*, quando da aparição no Boulevard dos Italianos do *Garoto de Paris*—e disseram as ultimas da *Lição de Amor*, que vimos agora.

Não é justo. Chevalier não é um genio, estamos de acôrdo. Não é tampouco aquilo a que se chama um actor de recursos, pois tem sempre os mesmos. Mas *criou* um tipo, optimista, folgazão, de excentricidade latina, onde as notas azuleiras são otenuadas pela caricatura mordaz das reacções amorosas. Tipo tão altido de contornos, tão insinuat, tão *bem achado*—que a silhueta de Maurice é sem duvida a mais popular do écran depois da de Charlot.

O palhinhas, o queixo saliente, equilibrado pelo *petit derriere* na mesma posição, a beicola espetada, com sensualidade e bom-humor, popularizaram-se nas sete partidas do mundo. E, diga-se o que se disser, isso não está ao alcance de qualquer pessoa.

Lá os temos mais uma vez, na *Lição de Amor*, onde ha dois ou três gags pitorescos (o da partida de damas com copinhos de tinto e branco é notavel; o das gravatas cortadas, inventado por ou, pelo menos, para Harpo Marx, é bem apresentado) e uma judia muito linda e muito boa actriz: Ann Dvorak, a irmã do *Scarface*.

E' verdade que nem só Maurice Chevalier é alvo das censuras dos franceses nos filmes em que aparece. A interpretação da paisagem parisiense, standardizada ha muitos anos pelos cenografos de Hollywood, indigna-os até á colera. Com razão? Não nos parece. Paris não é assim? *D'accord*... Mas a intenção que leva os decoradores americanos a pintá-lo assim é das melhores.

Aquele Paris velhote porcalhão, com apaches e taxis pre-historicos, é assim o melhor reclamo «á americana» da Cidade-Luz.

A riqueza de Park Avenue, a costureira de Manhattan, a corista da rua 42, enternecem-se com aqueles cenarios poeirentos, onde abundam candelieiros de gás, escadinhãs e tapumes. Acha tudo isso *colourfull, exciting*—pitoresco, excitante.

E pensa logo no *husband*, no *sweetheart* ou no *boy-friend*, com a intenção cívica de lhe ir gastar a massa em Montmartre, nos Campos Elisios e na Rue de La Paix, que são o que são, por mais filmes que Chevalier faça e por mais que os franceses se revoltem.

Norma Shearer, Maurice Chevalier. Dois curiosos casos de cinema. Curiosos e edificantes, como todas as coisas dessa arte cujo papel na vida de hoje é sistematicamente ignorado ou pintado a negras cores, e que reflecte, na sua permanente inconstancia, todo o enervamento e toda a filosofia duma época.—RETARDADOR.

A Fox

apresenta no

Politeama

2 grandes vedetas

JOSE MOJICA

e

ELISSA LANDI

em

2 grandes filmes

O Capitão

de Cossacos

e

Não ha amor

como o segundo

2.ª semana de triunfo

SONORO-FILME

APRESENTA

na proxima segunda-feira no

TIVOLI

o formidavel filme

O HOMEM INVISIVEL

Cuidado com ele! Fuja se ouvir passos dele! Esconda-se se ouvir a sua respiração! Onde o «Homem Invisivel» passa, deixa um rasto de terror, panico e destruição

AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA
apresenta
brevemente



Uma opereta num País de Fantasia com o grande tenor LOUIS GRAVEURE a vedeta internacional CAMILLA HORNE e o grande cómico alemão HEINZ RÜHMANN

Jóias genero antigo

Lindos modelos a preços barattísimos — Grande sortido

Ouvidesaria: SANTIROS CATITA, Lda
R. EUGENIO DOS SANTOS, 44

A Cidade

Dr.^a Laurinda Alambre

Doenças das Senhoras. Partos

Rua Garrett, 74 s/l — Das 3 às 6 — Tel. 20524
Largo Dr. Afonso Pena, 19-rc — Das 12 às 2
Telef. 4 8424

Explosão dum carro da "Shell"

que causou uma morte
e três feridos graves

BARCELOS, 13.—Hoje, pelas 14 e40, quando o carro de petroleo da Companhia Shell se encontrava na avenida dos Alcaides de Faria, desta cidade, explodiu violentamente o respectivo tambor, que estava quasi vazio.

Em consequencia da explosão, o ajudante do chauffeur, Joaquim Pedroso Lima, casado, de 24 anos, natural de Farnalhão, teve morte instantanea e o chauffeur, Joaquim Augusto Correia, também casado, natural de Tabuaga, ficou gravemente ferido, pelo que recolheu ao hospital.

Por se encontrarem proximo do carro em que se deu a explosão, sofreram igualmente graves ferimentos Manuel Correia Veloso, casado, de 23 anos, natural de Espozende, e Isaac Fernandes, de 5 anos, desta cidade, que, depois de pensões, recolheram a casa.

Os primeiros socorros ás vítimas foram prestados pelos bombeiros voluntarios de Barcelos, que compareceram imediatamente no local do sinistro.

O desastre causou aqui grande impressão.

DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS

No Conservatorio Nacional

No salão nobre do Conservatorio realizou-se hoje a distribuição dos premios aos alunos da secção de musica que fizeram o seu concurso em outubro e que, na presença dos professores e de numeroso publico, executaram as peças tocadas no referido concurso. Presidiram os srs. dr. Pereira Dias, director geral do Ensino Superior e de Belas Artes, e o sr. dr. Julio Dantas, inspector do Conservatorio. Não compareceu por motivo de doença o director da secção de Musica, sr. Viana da Mota.

A sr.^a D. Celeste Mota obteve o premio do Conservatorio, que é de dois mil escudos e diploma, e «Rodrigo da Fonseca», em musica vocal de camara, executando «Delphine», de Schubert, e «La Vie inferieure», de Duparc; e D. Julieta Pinto de Carvalho, os mesmos dois premios, em piano, tocando «Variações sob um tema russo», de Lisapounow, e «Rapsodia», de Dohnanyi; e os srs. Antonio J. Freire Garcia, premios do Conservatorio, em violino, tocando o primeiro andamento do concerto de Tchaikowsky; e Joaquim Coelho, premio do Conservatorio, em clarinete, executando o concerto militar de Barman. Foram todos muito aplaudidos e felicitados.

A recepção aos novos alunos no Instituto Superior de Ciencias Economicas e Financeiras

Realiza-se amanhã, no salão nobre do Instituto Superior de Ciencias Economicas e Financeiras, á rua do Quelhas, um sarau de ante, que a avaliar pelos elementos que nele tomam parte deve resultar brilhantissimo. Corresponde á solenidade de recepção aos novos alunos.

Colaborem na festa, além do antigo aluno sr. dr. Miguel de Almeida, amador de canto muito distinto, e do compositor musical sr. Cruz e Sousa, os seguintes artistas da nova geração: D. Maria Lalande, a esperança ingenua da nossa primeira companhia de declamação; João Vilaret, cujo valor se afirma dia a dia, e Daniel Martins, actor de merito, embora pouco conhecido do grande publico.

Seguir-se-á um animado baile até madrugada, abrilhantado por uma das melhores orquestras de jazz de Lisboa. Os bilhetes que restam encontram-se á venda na Associação Academica do Instituto, rua do Quelhas.

A GARRETT

Largo do Chiado, 9 e 11
Almoços completos de 12 e 16 Esc.
Jantares completos de 15 e 18 Esc.

DR. SIDONIO PAIS

As exequias de hoje
na igreja de S. Domingos

Comemorando o 16.^o aniversario da morte do dr. Sidonio Pais, celebraram-se hoje na igreja de S. Domingos, solenes exequias promovidas por uma comissão de amigos do extinto chefe do Estado.

Pelas 12 horas iniciou-se a cerimonia com a assistencia de algumas centenas de pessoas, que foram recebidas pelos srs. tenente-coronel Joaquim Mendes do Amaral e capitão Teofilo Duarte.

Entre os assistentes viam-se os srs. comandante Sequeira Braga, representando o sr. Presidente da Republica; ministro do Comercio, dr. Pinto de Lemos, representante do ministro da Instrução; dr. Correia de Barros, pelo ministro das Colonias; almirantes Sousa e Faro, generais João de Almeida, Vicente de Freitas, Amílcar Mota e Silva Bastos; brigadeiro Peixoto e Cunha; coronéis Fernando Borges e Eduardo Almeida; tenente-coronel Esmeraldo de Carvalho; major Luiz Alberto de Oliveira; drs. Rodrigues Pereira, Cancellaria de Abreu, representando a União Nacional; Caetano de Oliveira, pela Junta Geral do Distrito e Liga 28 de Maio; Campos Coelho e Mira Mendes, capitão Luna de Oliveira, Melo Breyner, dr. Calado Rodrigues, dr. Caetano de Oliveira, dr. João Monteiro, etc.

Finda a cerimonia, muitos dos assistentes dirigiram-se a Belem, em romagem ao túmulo do extinto, nos Jeronimos, onde foram colocar ramos de flores.

O "Natal do sinalero"

O Automovel Club de Portugal, reeditando uma iniciativa que o ano passado foi coroada do mais brilhante exito, promove novamente este ano o «Natal do Sinalero», não só em Lisboa e no Porto, mas em todas as cidades da provincia onde os prestimosos auxiliares do transito concorrem para facilitar a circulação. É um dever de todos os automobilistas colaborar activamente com o A. C. P. nesta sua iniciativa, digna de toda a simpatia pelo que revela de reconhecimento a modestos mas utilissimos servidores do Estado.

O sr. director geral de Segurança Publica, aceitando, com muito interesse, a iniciativa do «Natal da Sinalero», que vai ser levada a efeito pelo Automovel Club de Portugal, expediu uma circular a todos os comandantes da Policia de Transito do pais, recomendando-lhes que auxiliem quanto possivel os delegados do A. C. P. na realização da referida festa em todas as cidades onde exista serviço de sinaleros.

Numa conferencia entre o comandante da Policia de Transito de Lisboa e o director-secretario do Automovel Club de Portugal, ficou assente que o «Natal do Sinalero» na capital se effectue no dia 24 do corrente.

A tragedia do buque "Pardóca"

SETUBAL, 13.—Hoje de manhã chegaram a esta cidade, vindos de Sesimbra, Manuel Fernandes, arrais, de 45 anos, casado com Maria Solá, de Vila Real de Santo Antonio, e João Domingos, de 35 anos, solteiro, natural de Castro Marim tripulantes do buque «Pardóca» que ontem de madrugada se afundou, quando navegava na barra, proximo do Cabo Espichel, os quais se salvaram milagrosamente, depois de terem observado a horrivel morte dos seus dois infelizes companheiros José da Graça e Francisco Martins. Os infelizes naufragos perderam todos os seus haveres e encontram-se ainda possuídos do pavor ocasionado pela horrivel tragedia. Os cadaveres das vítimas ainda não foram encontrados.

AVIZ HOTEL

Amanhã-Sabado — "3.^o Snack-Bar" — Traje de passeio

Pratos especiais "Hot-Dog", Iscas de Borla, Assiette Anglaise, Saladas japonesas e outras, Rim no espeto, etc., etc.

Orquestra privativa de "Aviz", direcção Almeida Cruz, executará musica de dansa toda a noite.

A marcação de lugares é de 10 escudos

O "Snack-Bar", é a festa mais chic e economica preferida pela aristocracia de Londres e Nova-York, e o successo dos dias anteriores garante que também em Lisboa mereceu a aprovação da nossa melhor sociedade.

Ficou hoje constituída

a Liga Nacional Electro-Agraria

Na sede da Associação Central de Agricultura Portuguesa, reuniram-se esta tarde representantes dos diversos jornais diários, convidados para ouvir da boca do sr. engenheiro Belfort Cerqueira, presidente da Liga Nacional Electro-Agraria, uma exposição dos fins do novo organismo «que se constituiu na intenção patriótica de fomentar por todos os meios o estabelecimento da electrificação rural e de promover por consequencia a defesa intransigente do trabalho, da renda agricola e da divulgação industrial como factor de prosperidade agricola».

Foi comunicada a lista dos numerosos socios fundadores, de Lisboa e de diversos pontos da provincia.

O primeiro Conselho de Administração eleito é constituído pelas seguintes entidades: engenheiro Belfort Cerqueira (presidente), Associação Central da Agricultura Portuguesa, Associação Industrial Portuguesa, engenheiro Monteiro Gomes, União Electrica Portuguesa e Companhias Reunidas Gás e Electricidade.

Das afirmações do sr. engenheiro Belfort Cerqueira, destacamos estas: «A nossa associação pretende reunir todas as classes interessadas no problema da electrificação rural e fazer assim convergir todos os esforços num terreno desconhecido até agora, de perfeito entendimento, para que se facilite por toda a parte o alcance desse valioso elemento e prosperidade que é a energia electrica.

«Os estatutos prevêm a admissão de cinco categorias de associados, que são: os agricultores e as associações agricolas ou agrárias, as entidades comerciais que negociam com aparelhos electricos ou agricolas, as Camaras Municipais e as empresas distribuidoras, e por fim as empresas produtoras da energia electrica.

«A L. N. E. A. fará a propaganda necessaria, educadora, e a demonstração das applicações da electricidade nas zonas rurais, começando pela publicação dum boletim de divulgação e possivelmente pela exploração directa duma granja modelo, demonstrativa dos processos electro-agricolas de cujo estudo já está encarregado um dos mais distintos engenheiros agronomos do nosso Pais».

DE LUTO

José Manuel Saraiva Machado

Faleceu ontem o menino José Manuel Saraiva Machado, de 10 anos de idade, filho do sr. Pedro Machado, funcionario da Caixa Geral de Depósitos, e da sr.^a D. Sara Beatriz de Oliveira Saraiva Machado. O funeral da desditosa criança, que era o enlevo de seus pais e de quantos a conheciam, realizou-se hoje com grande acompanhamento, da residência de seus pais na rua Vieira Lusitano, 33, 1.^a, para jazigo no cemiterio dos Prazeres.

CORPOS ADMINISTRATIVOS

EVORA, 14. (Pelo telefone).—O sr. governador civil de Evora foi hoje a Arraiolos, a fim de dar posse á nova comissão administrativa da Camara Municipal daquela cidade, que ficou constituída pelos srs. dr. Manata, presidente; Vital Rodrigues, José Arimata e José Teles de Mira, vogais. O ultimo servirá de administrador do concelho.

A "FESTA DA CRIANÇA"

Realiza-se amanhã, á noite, no Largo do Municipio, o festival de patinagem

A população de Lisboa vai amanhã, á noite, gozar um espectáculo completamente original entre nós e que tão cedo não tornará a repetir-se: — o certame de patinagem promovido pelo jornal «Os Sports» e pela Federação Portuguesa de Patinagem, a favor da simpatica «Festa da Criança», generosa iniciativa que sob o patrocínio do sr. governador civil de Lisboa se realizará de 23 a 31 do corrente.

Como já dissemos, no surpreendente festival desportivo tomam parte os mais categorizados: «ases» dos nossos «rinks», incluindo algumas senhoras, que se exhibirão em emocionantes e artisticas provas, dando ao publico uma visão perfeita do que o elegante desporto consente.

A entrada para o recinto, devidamente vedado e iluminado por potentes projectores, custa apenas 2850. Os bilhetes vendem-se no salão de festas dos Armazens Grandela, gentilmente cedido pela firma proprietaria do importante estabelecimento para sede da comissão executiva da «Festa da Criança».

Na proxima quarta-feira percorrerá as ruas centrais de Lisboa um numeroso cortejo de estudantes que, com algumas bandas de musica e galeras, puxadas a varias parselhas de mureas e ornamentadas a capricho, procederão a um peditório a favor da «Festa da Criança».

Os habitantes das arterias por onde o cortejo passa apenas terão que arremessar das suas janelas para as galeras as dádivas que quizerem oferecer, como roupinhas novas e usadas, de crianças, generos alimenticios, brinquedos, etc. Os estudantes transportarão caixas semelhantes ás da Assistencia aos Tuberculosos para recolha dos doativos em dinheiro.

Entre os doativos ultimamente registados, avulta o da Companhia Portuguesa «Philips», que oferece graciosamente todo o material radiofonico e pessoal necessario para a representação do «Auto do Natal», original do dr. Mario Monteiro, que se effectuará no dia 25, no Parque Eduardo VII.

JULGAMENTOS NA BOA-HORA

Um caso de bigamia

No 2.^o Juizo Criminal, sob a presidencia do sr. dr. Abreu Coutinho, foram julgados José da Graça e José Coelho, este regedor na freguesia de Carnide, acusado o primeiro de ter casado em Figueiró dos Vinhos, em agosto de 1926, com Maria do Espirito Santo e de ter contraído novo matrimonio com Maria dos Reis, na 3.^a Conservatoria desta cidade, em julho de 1931; e o segundo por lhe ter passado um atestado dando-o como solteiro, atestado que foi apresentado para o segundo casamento.

Foram defensores dos reus, respectivamente, os srs. drs. Luiz Ferro e Oliveira Santos.

O primeiro foi condenado em dois anos de prisão maior celular, ou em três anos de degredo, dois anos de multa a dois escudos por dia e quinhentos escudos de imposto de de justiça. O segundo foi absolvido.

Dr. Fernando Emidio da Silva

BRUXELAS, 14.—O rei Leopoldo recebeu em audiencia o dr. Fernando Emidio da Silva. — (Havas).

Quintanistas de Medicina

Encerram-se amanhã as brilhantes festas dos quintanistas de Medicina, com um baile de gala que se realiza ás 22 horas, no salão nobre da Faculdade em cuja Associação estão a venda os bilhetes.

Café Restaurant TAVARES

TODOS OS DIAS

CHA — COCKTAILS

CONCERTO — Reservam-se mesas

No TIVOLI: Maria Eggerth em

A Princesa das Czardas

A seguir: «O Homem Invisível»

maravilha cinematografica inspirada no celebre romance de Wells

No São Luiz: O inimitável Maurice Chevalier em

LIÇÃO DE AMOR

o mais gracioso dos seus filmes

PARIS... MULHERES BONITAS... CANÇÕES!

Um grande espectáculo de alegria!

K
O
N

A m
tinta
ra c
los
mais
cul

REPRESENTA

M. C

Rua Ca
del, 3

Telef.

DEPOSITA

Fari
OH

Rua da

Para Casa
Avião
Barco
Automóvel **compre**
FADA-RADIO
29, Calçada de S. Francisco, 31—LISBOA
Rua Santa Catarina, 47 2.º—PORTO.

A Cidade

Assis Brasil
Primeira reserva
Extra reserva
Grandes espumantes naturais da
Real Companhia Vinícola do Norte
da Portugal

O Natal dos pobres

**Continuamos a receber donativos
para este fim caritativo**

O Natal deste ano vai ser mais inclemente que nunca para os pobres, já agora a braços com privações sem conta que vão desde o desabrigo do lar até à falta de agasalho e de pão.

Mal calculam muitos dos felizes a quem a miséria já não afligiu quanta desgraça, quanta fome e quanta angústia vão por aí, pelos tugúrios tristes da cidade, famílias inteiras sem recursos de espécie alguma, crianças definhando à mingua de alimento, todo um quadro de tragédia, enfim, cuja crueza tem de ser vista para que os privilegiados da sorte a compreendam e a sintam com verdade.

E' em nome de todos esses infelizes que nós imploramos dos leitores um pouco de socorro que cada um possa prestar, para que, ao menos nesse dia consagrado à Família, os pobres tenham atenuada a desgraça em que se vêem.

A vida é difícil para todos, é certo; mas que cada um dê conforme as suas posses, que ninguém deixe de associar-se a esta cruzada de caridade, e isso bastará para que muitas lágrimas se enxuguem e muitos sofrimentos se aliviem.

Hoje recebemos da casa Borges & Irmão, a conceituada firma bancaria cujo nome representa uma tradição de respeito comercial, o donativo de 100\$00, que muito agradecemos.

A nossa gratidão também para a velha e acreditada Agencia Havas, que nos enviou 50\$00, e para a gentil leitora sr.ª D. Maria Pinto que contribuiu com 20\$00.

O total dos donativos, de Lisboa, recebidos até hoje, é de 1.080\$50. Do Porto, destinada, portanto, aos pobres daquela cidade, recebemos até agora a quantia de 350\$00.

Na capital do Norte—sabem-no melhor que nós os que lá vivem—também a pobreza aflige muitos lares; também ha muita miséria, sobretudo nas «ilhas» esburacadas e em ruínas que são, ali, o refugio forçado dos naufragados da vida.

Aos portuenses, pois, sempre generosos e sempre na vanguarda de todos os movimentos de justiça, confiamos a quota parte de cooperação que nesta porfia benfazeja lhes compete.

Serão para os pobres do Porto todos os donativos entregues na delegação do «Diário de Lisboa» naquela cidade.

Um aviso aos incautos: chegou ao nosso conhecimento que algumas pessoas cuja identidade a Polícia averiguará, se estão aproveitando da influencia do «Diário de Lisboa» para, em nosso nome, angariarem donativos que, naturalmente, arrecadam, roubando assim os pobres e quem deles se condece.

Prevenimos toda a gente de que o «Diário de Lisboa» é absolutamente alheio a tais abusos. O nosso jornal não recebe senão os donativos que os seus leitores quiserem enviar-lhe espontaneamente, sem emprego de cobradores e sem intermediários de espécie alguma.

Engenheiro Manoel Farinhas

Parte amanhã para Grenoble o sr. engenheiro electrotécnico Manoel Farinhas, filho do nosso querido amigo sr. Camilo Farinhas, que ali vai prestar serviços da sua especialidade na fabrica Gerin & Merlin, construtora da aparelhagem electrica do «Normandie».

Conferencias

—O sr. dr. Sebastião Pestana realisa amanhã, ás 21 horas, no Colegio Ultramarino, uma conferencia acerca do «Romanismo». A entrada é franca.

ASSEMBLEIAS GERAIS

Reune-se amanhã, pelas 21 e 30 a assembleia geral extraordinária da Ordem dos Advogados, a fim de se occupar da sua Caixa de Previdencia.

Companhia das Fabricas

Cerâmica Lusitania

Grandes fabricas de bons produtos ceramicos de

TODOS OS GENEROS PARA

TODOS OS USOS

Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Setúbal, Faro, Portimão e etc.

A CERAMICA QUE HONRA O PAIZ

às 5 horas chá

PAT-SEEKIE VERSAILLES

A ANSIA DE VIVER

Como os sabios dominam a morte

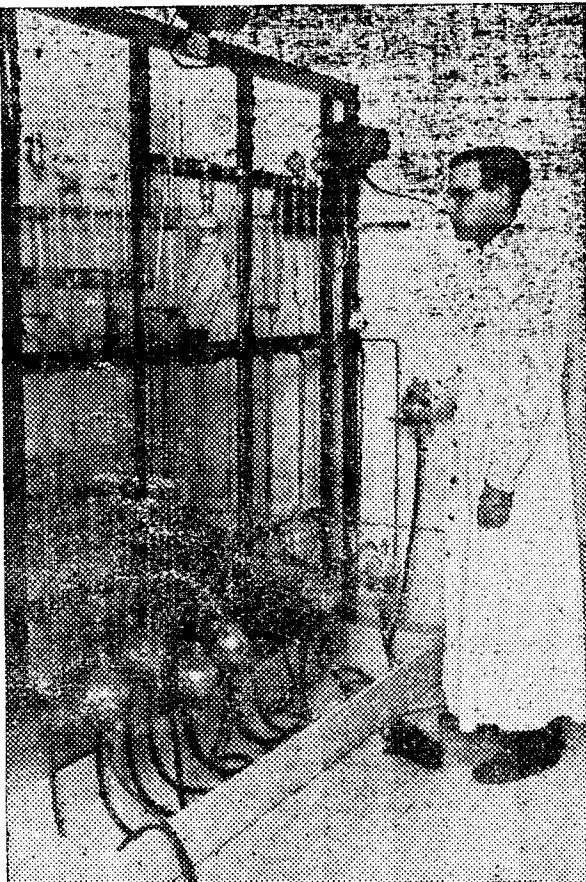
**As operações que sofre o misterioso radio
antes de ser aplicado no Instituto de Oncologia**

Nesta luta entre a vida e a morte as batalhas são constantes. Em centenas de laboratorios, institutos, clinicas, torres de marfim da ciencia, envoltas no misterio da criação, investigadores arduos procuram descobrir as causas obscuras que destroem a vida humana ou a paralizam na sua natural expansão. Esse exercito de «batas brancas», com o seu arsenal de microscopios, preparações, agentes fisicos e quimicos, objectos estranhos, procura avidamente os infinitamente pequenos: microbios e bacilos, a evolução deste e daquele flagelo, sacrificando não só a sua alegria, mas até a sua existencia. E o estudo não pára, segue apaixonadamente, com ambições gloriosas, que se satisfazem, ao fim de muito tempo, por vezes, favorecidas por essa força misteriosa, que é o acaso, e também com muitas desilusões, como se a ciencia inviolavel, só raras vezes e de onde em onde, longinquas distancias no tempo, quizesse revelar os seus segredos.

Nessa luta tremenda, a morte recua, lentamente, mas seguramente, passo atrás passo, defendendo-se com todas as suas forças do mal e da destruição. Uma das suas formas, que ha anos, ainda, era considerada implacavel, é a do cancro. Hoje, o homem quasi que sorri. Prevê a victoria. Tem já na mão a maior parte dos seus terríveis elementos. Opõe-lhe um adversario resolutivo: o radio, metal estranho, de cor acastanhada, tão precioso e raro, que dele ha apenas, nos laboratorios e hospitais de todo o mundo—umas irrisórias 50 gramas. Pois é esse metal, ligeiramente fosforescente, duma actividade extraordinaria, cujos raios perfuram as mais espessas superficies, atravessando o ferro, o chumbo, o aço, que luta, hoje, vitoriosamente contra o cancro. Guardam-no, misteriosamente, em cavernas metalicas, como o ouro de França contendo assim a «dinamite» da radiação gamma, que tudo destrói.

Portugal tem dois gramas e meio de radio, que valem em numeros redondos cerca de cinco mil contos. Para ele, bizarramente, construiu-se um palacio: o Instituto Português de Oncologia, obra total do professor dr. Francisco Gentil, sob cuja rudeza, mais aparente do que real, palpita, um nobilissimo coração. Pode dizer-se que desde os fundamentos aos mais insignificantes pormenores de instalação, o edificio que é a realidade dum grande sonho, foi erguido, ordenado, trabalhado por ele. E, de facto, um palacio. A celebre legenda de Dante á entrada do inferno, perde todo o seu sentido. Pelo contrario: recobrai ali, toda a esperança. O mal terrível não aparece, não se vê, não se sente, naqueles ambientes claros, de sinfonias nikeladas, corredores altos, janelas rasgadas de sol, sala de bela perspectiva, enfermarias, laboratorios, solarios, tudo apetrechado racionalmente, nitido, preciso, com ordens que se comunicam luminosamente, através dos registos electricos, cerebro anormal de intelligencia mecanica, que parece funcionar só por si, invisível

ao comando humano, mas ligado a ele por fios tensos. Onde está o homem que criou tudo isto, apelando para tudo e para todos? Não se vê, mas sente-se em toda a parte, como um deus poderoso, ressuscitador de Lazaro. Mas nesta reportagem documental, o que interessa é o pavilhão central, a caixa



O aparelho que capta as emanações do radio

forte do radio. E' lá que ele se guarda e manipula. Ha que descer por belos corredores de mármore até ao fundo da terra. As paredes são espessas, meio metro, pelo menos, construidas de cinco materiais diferentes para conter as radiações do metal luminoso. Numa sala, resplandecente de branco, um unico aparelho, confuso e complicado de vidros, e um verdadeiro orgão de tubos, de diverso diametro, que vão desde a largura duma arteria comum, até ao fino capilar, todos comunicando entre si, mas labirinticamente, ora cheios ora vazios de mercurio, que neles faz o vacuo pneumatico. O aparelho está ligado á «casa forte» do radio. Ai dentro, num cofre contem-se o cloreto de radio, essa emanação infinita. E' esse gás que tem o mesmo valor terapeutico do metal, que o aparelho duas vezes por semana, capta cuidadosa e perigosamente.

Apesar de todas as protecções, de todas as defesas, paredes interiores, grossas de metros, e portas que pesam uma tonelada, as emanações de radio, atravessam tudo. Ha que ter cuidado com essas «ondas» formidaveis de destruição, que tem feito centenas dos chamados martyres da ciencia, até mesmo em Portugal. Um dos «captadores» dos «vapores», sr. dr. Machado Costa, já mais duma vez teve de abandonar o seu trabalho. Ele, como o restante pessoal, é obrigado mensalmente a fazer uma análise de sangue, alerta contra a destruição dos globulos vermelhos. Neste ponto o professor Gentil não transige. E' cuidadosamente duro e terminante.

A captura da emanação do radio é trabalhosa e demorada. Ha que fazê-la passar, em toda a sua pureza, através daquele complicado sistema de tubos, até chegar lá acima, verde e fos-

forecente, ao tubo capilar, onde é aprisionado. Corta-se, então, o tubo á chama, dividindo-se depois em bocadinhos de três centímetros, fechados também á chama, que são metidos noutros tubos, estes de chumbo, que se aplicam, através de revestimentos de caucho e cortiça, sobre as lezões cancerosas. Todo o cuidado é pouco com ele!

Esta industrialização do radio, demanda do homem infinitas precauções. Os raios do metal infiltram-se por toda a parte, sendo preciso trata-lo em mesas de chumbo, através de laminas de vidro, especial. As luvas dos operadores pesam dois quilos—e mesma assim ele sente-se nas mãos, caustico, penetrante.

Mas o mais interessante do pavilhão de radio é a casa forte... um grosso cadeado fecha a unica entrada. A porta é pesada como a lage dum hipogeu faraonico. Não é sem emoção que penetramos dentro dum tesouro, sabendo bem que a nossa permanencia ali constitui se não uma audácia, pelo menos, um relativo perigo. Cinco por cento das emanações do radio atravessam os grossos revestimentos de metal. A sala, iluminada pela electricidade, nada tem caracteristico. O professor Gentil não gosta de cenários dramaticos. Nas suas mãos não é, apenas, a dôr que sorri, mas também este misterio fabuloso e subterraneo. Um cofre de chumbo, ou melhor, um denso bloco de chumbo, com numerosos cacifos, de espessas paredes, onde o radio, devidamente catalogado, nem sequer se vê... Não podia ser maior a nossa decepção! O pressioso metal continua invisível, envolucrado em platina e ouro, uma partícula em cada alveolo, teoricamente eterno, visto que só daqui a dois mil anos, perderá metade da sua actividade irradiante. Serão precisos outros dois mil anos, para que o metal mais velho do que o homem na terra, se converta inutilmente em chumbo. Na sua energia cosmica ha milhões de atomos que vivem, incessantemente, em explosão. Que salvam, que redimem. Noutra caixa, também com espessos revestimentos, contem-se o cloreto de radio, cujas emanações são, como já descrevemos, convenientemente aproveitadas. Despedimo-nos daquele fantastico e luminoso tesouro—Meca da vida humana, com o qual a ciencia opera os seus milagres. Vamos descrever alguns. O milagre também tem a sua mecanica. Os oncologistas ao iniciarem os tratamentos têm de precisar o numero das applicações de radio e a sua intensidade. Horas que, por vezes, somam anos. O cancro, crescimento disparatado das celulas, de origem ainda misteriosa, que sempre se cura quando tratado de principio, não pode suportar todos os raios do radio. Dois ha, o alfa e o beta, que têm de ser prescritos do tratamento. Fica, apenas, o benefico e penetrante gamma, mas usado com cautela, não vá ultrapassar a destruição das celulas prejudiciais, atingindo as sãs, isto é, os tecidos indemnes. Por isso o radio, emanação ou metal, é doseado por miligramas, e posto raramente em contacto com o cancro.

A nossa ultima visão do Instituto de Oncologia foi a sala dos doentes. Atmosfera clara e branda, de doçura, —sem nada de terrível a pesar na sensibilidade do profano. Os doentes estendidos em grandes cadeirões conversam devagar, com as caras veladas pela mascara de caucho, onde os tubozinhos de chumbo parecem estranhas e sombrias cleatrizes.

Vivem! E a sua alegria de viver, triunfando do mal, fá-los sorrir, sem que nada tenham de repelente ou de monstruoso. O cancro já não é um peizadelo, mas uma doença, nem melhor, nem pior do que as outras, que a intelligencia humana, com optimismo, en-

Uma estrela sensacional, hoje no Coliseu. Uma grande atracção internacional pela primeira vez em Portugal

O FIM DO MUNDO

e as duas sessões desta noite

Alvorçou Lisboa inteira a notícia dada pelos jornais da manhã de que se estreia esta noite, no Coliseu, na deslumbrante fantasia «O Fim do Mundo» representada em duas sessões, a formidável atracção mundial Diana Belli Ryaux & Wood, extraordinários bailarinos internacionais que nos vão apresentar hoje os maravilhosos bailados: «Valsa Classica e Acrobatica» e «O Caçador e a Panteira», realizações coreograficas de grande classe, ovacionadas pelas plateias dos mais famosos teatros do mundo. O publico está ansioso por admirar estes artistas de raro valor e já poucos momentos faltam para satisfazer essa ansiedade. O «Fim do Mundo», em que ha dois dias se acrescentaram quatro soberbos numeros novos: «O Sim Senhor», que é o orador modernista, e «O Pastor de Macedo de Cavaleiros», focando a transformação do Rossio, e os bailados novos executados por Aida & Diamond: «A Canção e o Bailado do Marinheiro», com um grupo de «girls», e o «Bailado Espanhol», sempre freneticamente aplaudidos, é, sem contestação, o melhor e o mais barato espectáculo de Lisboa. Domingo: grandiosa «matinée». Entrada gratuita ás crianças.



Maria Salomé na «Rua do Ouvidor»

«O Sim Senhor», que é o orador modernista, e «O Pastor de Macedo de Cavaleiros», focando a transformação do Rossio, e os bailados novos executados por Aida & Diamond: «A Canção e o Bailado do Marinheiro», com um grupo de «girls», e o «Bailado Espanhol», sempre freneticamente aplaudidos, é, sem contestação, o melhor e o mais barato espectáculo de Lisboa. Domingo: grandiosa «matinée». Entrada gratuita ás crianças.

RIPOLIN
PINTURA FINA PARA EMPREGAR SOBRE MADEIRA, METAL, PEDRA, CIMENTO

O Ripolin não só embeleza os objectos, protege-os ao mesmo tempo. A venda em todas as drogarias e lojas de ferragens

Capristano & Ferreira-Bombarral

HORARIO DAS CARREIRAS DE AUTO-CARS

Carreira	Hora de partida
Lisboa—Leiria	7.00—14.30
Lisboa—Peniche	7.30—17.30
Lisboa—Nazare—Alcobaca	8.30—15.30—18.30
Leiria—Lisboa	6.30—15.00
Alcobaca—Nazare—Lisboa	6.30—10.00—14.30
Peniche—Lisboa	7.00—14.45
Peniche—Caldas da Rainha	9.00—15.30—19.30
Caldas da Rainha—Peniche	11.00—17.30—22.00

Com ligação em Leiria com a carreira do Porto
Lisboa—Porto ás 7.00
Porto—Lisboa » 7.40

Partidas de Lisboa: Largo de S. Domingos, 11 telra (Palacio Conde de Alameda) TELEFONE 2 1003

No dia 22 do corrente mês, pelas 14 horas, á porta do Tribunal da 7.ª Vara, no Terreiro do Paço, se ha de proceder á arrematação em 2.ª praça, de um automovel, marca «Mathis», com a força de cavaleiros, avaliado em 10.000\$00 e vai á praça em 5.000\$00, como foi ordenado na execução sumaria que Antonio Antunes dos Santos & C.ª (Irmãos) move contra Julieta Julia Pereira Maldonado, para pagamento de 5.000\$00 e mais despesas. Pelo presente são citados quaisquer credores e interessados para deduzirem os seus direitos.

Lisboa, 11 de dezembro de 1934.

O chefe da 1.ª secção,

Daniel de Matos

Verifique:

O Juiz da 7.ª Vara,
Vasco Borges

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa da Guarda, viscondessa de Balsemão, baronesa de Horta, D. Berta de Andrade Bastos de Mendonça, D. Maria das Dores de Albuquerque Lobato de Melo, D. Maria Angelina Moraes Sarmento Soares de Albuquerque, D. Magda de Albuquerque e Castro Amaro, D. Etelvina Marques Mendes Correia, D. Maria Herminia Moreira e D. Adelaldestina Monteiro.

PONTOS DE REUNIAO

No Palacio

Assistencia elegante á estreia do novo programa neste belo «cine» das Avenidas Novas:

D. Glida Auziello de Mesquita Guilmarães, viscondessa de Silveiras, D. Amélia Dias Martins, D. Lidia de Melo Castel Branco e filha, senhora de Auziello, D. Jeanev on Gingelen e filhas, D. Herminia Borba Nunes da Cunha e filha, D. Margarida de Vasconcelos e Sá (Silveiras), D. Maria Fernanda Moreira da Cruz Ferreira, D. Candida Ribeiro Lopes e sobrinha, D. Virginia Lopes da Silva, D. Maria Clotilde Alves de Azevedo, D. Maria Joana Rino Frois Mousinho de Albuquerque, D. Carolina Homem Cristo e filha, D. Marcela Auziello, D. Maria Emilia Cabral da Silva Fernandes Tomaz, D. Maria da Silva Gomes e irmãs, D. Delfina Sousa Rodrigues, D. Maria Emiliana Cabral da Silva, D. Maria Judite Mendes da Costa Novais, etc.

O «Ano artistico»

Por lapso, saiu ontem sem assinatura e incompleto o artigo do nosso colaborador sr. Armand do Ribeiro acerca do «Ano artistico».

CARTAZ

TEATROS

Trindade—A's 21 e 30—«O menino virtuoso»,
Gimnasio—A's 21 e 30—«A dama branca»,
Avenida—A's 21 e 30—«O amor... é o diabo»,
Coliseu—A's 20 e 30 e 22 e 45—«O Fim do Mundo».

CINEMAS

S. Lutz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 30.
Condes—A's 21 e 15.
Central—A's 21 e 30.
Odéon—A's 21 e 15.
Olympia—Das 14 e 30 ás 2.
Palacio—A's 21 e 30.
Capitolto—A's 21.
Chiado Terrace—A's 21 e 15.
Royal-Cine—A's 21 e 15.
Paris Cinema—20,45—R. Domingos Sequeira.
Jardim Cinema—21 e 30—Av. Alvares Cabral.
Eden-Cinema—R. do Alvíto, a Alcantara.

FEIRA DE INDUSTRIAS BRITANICAS

Os visitantes da Feira de Industrias Britanicas, de 18 de fevereiro a 1 de março de 1935, terão todas as facilidades e gozam de reduções que vão de 10 0/0 a 50 0/0 nas passagens em caminho de ferro, vapor ou aeroplano, para o que bastará requisitarem bilhetes no consulado britânico.

Serviço telegrafico de boas festas

A administração geral dos Correios e Telegrafos estabeleceu este ano um serviço especial de telegramas de boas festas, com caracter popular. O custo total destes telegramas é de um escudo para o continente, dez para os Açores, Madeira e vice-versa e deztoito entre os Açores e a Madeira.

Ao seu fornecedor
não peça uma «lâmpada»

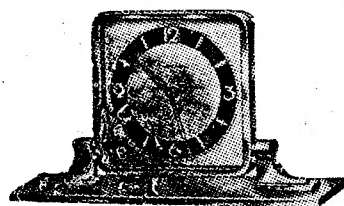
peça uma

LUMIAR

A lâmpada fabricada em Portugal

por **PORTUGUESES**

para **PORTUGUESES**



Para o brinde que deseja
um despertador do

Torroaes

é admiravel.

119 - RUA DA PRATA - 123
Telef. 24210

FABRICA DE CORTUMES

DE

JOSÉ MARIA ESTEVES COLUNA

Solas, cabedais, carneiras, e capicuas. FABRICO ESPECIAL

Beira-Baixa—MAÇÃO

Comp. Carris de Ferro de Lisboa

Fornecimento de travessas de pinho

Esta Companhia recebe propostas até ás 16 horas do dia 27 de Dezembro de 1934, para o fornecimento de 13.000 (Treze Mil) travessas de pinho nacional, nas seguintes condições:

1.ª—As travessas serão de pinho nacional com as dimensões de 1", 60 x 0", 20x 0", 14;
2.ª—As faces serão de quina viva com a tolerancia de 1 cm., e não poderão ter mais de três ordens de nós;
3.ª—Os pinheiros para as travessas deverão ser abatidos até 28 de Fevereiro de 1935, o que será verificado por delegados desta Companhia, não podendo depois disso serem dados outro destino diferente. Se o fornecedor tiver de fabricar ao mesmo tempo, e nos mesmos pinhais outra madeira além das referidas travessas, a Companhia estabelecerá uma fiscalização permanente nesses locais, sendo porém por conta do fornecedor as despesas com essa fiscalização;

4.ª—O fornecimento é dividido em lotes de 2.000 travessas, não se aceitando propostas que digam respeito a menos de um lote;

5.ª—As propostas indicarão, além do nome e morada do fornecedor, o preço por travessa para um ou mais lotes, e depois de encerradas num envelope com a designação «Proposta para o fornecimento de travessas», serão dirigidas ao engenheiro director da Companhia dentro de outro envelope;

6.ª—O preço feito entende-se para as travessas sobre wagon na estação de Alcantara Terra;

7.ª—As travessas deverão ser entregues até 30 de Maio de 1935, em lotes nunca inferiores a 2.000 depois de terem sido escolhidas nos pinhais, sendo as despesas do encarregado desse serviço por conta da Companhia;

8.ª—Os fornecedores que não conclurem a entrega das travessas no prazo de um mês a contar da data em que tiver terminado a escolha de cada lote perdem em beneficio da Companhia, os depositos de garantia a que se refere a condição 11.ª;

9.ª—Não serão escolhidas, e portanto não serão aceites, as travessas que não tenham sido feitas dos pinheiros abatidos nos termos da condição 3.ª;

10.ª—Serão rejeitadas as travessas que não satisfaçam ás condições anteriores e que apresentem indícios de mau estado de conservação, que estejam empenadas e que apresentem quaisquer outras imperfeições;

11.ª—A Companhia reserva-se o direito de exigir no acto da adjudicação um deposito de garantia nunca superior a 5 0/0 do valor das propostas aceites e que será liquidado com o ultimo pagamento;

12.ª—Os pagamentos dos lotes recebidos até 30 e 15 de cada mês, serão efectuados no mês seguinte, respectivamente nos dias 7 e 21;

13.ª—Se o fornecedor não cumprir as condições anteriores perde o deposito a que se refere a condição 1.ª, ficando a Companhia, com a liberdade de adquirir as travessas onde lhe aprover;

14.ª—O adjudicatario a quem fôr aplicada a condição anterior, fica impossibilitado de ser admitido a futuros concursos;

15.ª—A esta Companhia reserva-se o direito de não aceitar qualquer das propostas recebidas, se isso não convier aos seus interesses.

Lisboa, 13 de Dezembro de 1934.

A DIRECÇÃO

Feira de Santa Luzia

ARCO DE BAULHE, 11. — Realiza-se nos dias 13, 14 e 15 do corrente a feira anual de Santa Luzia, que costuma ser grandemente concorrida e em cujas transacções occupam o primeiro lugar as afamadas mantas de Barroso.

Caminhos de Ferro

Vão ser brevemente postos á venda bilhetes de ida e volta, a preços modicos, para os mercados que se realizam ao sabado em Tomar e na primeira segunda-feira de cada mês em Beja. Para esta cidade, serão vendidos bilhetes nas estações de Moura a Beja, Alcaçovas a S. Matias e Aljustrel a Beja; para Tomar, as estações de venda são as compreendidas entre Abrantes e Santa Cruz.

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Ouro, 98, 2.º — Telefone 26519

DR. ARMANDO NARCISO—Medicina. Coração

3 pulmões—5 h.

DR. BERNARDO VILAR—Cirurgia geral operações—5 h.

DR. MIGUEL DE MACILHAES—Rins e vias urinarias—10 h.

DR. CORREIA DE FIGUEIREDO—Pele e sifilis—5 h.

DR. LOFF—Doenças nervosas. electroterapia

2 h.

DR. MARIO DE MATOS—Doenças dos olhos

2 h.

DR. MENDES BELLO—Estomago, figado e intestinos—3 h.

DR. FILIPE MANO—Doenças das crianças—2 h.

DR. CASIMIRO AFONSO—Doenças das sensiboras operações—2 h.

DR. FRANCISCO CALHEIROS—Garganta, nariz e ouvidos—4 h.

DR. ARMANDO LIMA—Sôca e dentes, protese—12 h.

DR. ALAN SALDANHA—Raio X—4 h.

ANALISES CLINICAS

DIAS foi o cabeleireiro preferido pela **Tobis Portuguesa**
no filme "As Pupilas do sr. Reitor."
Telefone Automatico 4 3401
AV. DUQUE D'AVILA, 113, 1.º

ESTRANGEIRO

PELES
E CONFEÇÕES
Rua Fanqueiros, 376, 2.º
(entrada pela capelista)

Uma causa sensacional

O julgamento de Tony Mancini

LONDRES, 14.—O julgamento de Tony Mancini, que matou a sua antiga amante Violeta Karss, prossegue, com o depoimento das testemunhas de defesa. O réu reconhece agora que fez à Polícia certas declarações menos verdadeiras.

Justifica o facto com o motivo de, apesar de estar inocente, não poder provar essa inocência, e querer, assim, ganhar tempo.

Pela sua maneira de falar, tem-se a impressão de que Tony tem o pavor da Polícia. Esse pavor serve-lhe para explicar a sua falta de sangue frio. Afirma que não suspeita de ninguém, como autor do crime, mas acrescenta que durante o tempo que viveu com Violeta, esta manifestou receios constantes. «Ora falava—disse—de pessoas que a ameaçavam e contra as quais eu não podia defendê-la, ora insistia para que mudássemos de casa».—(Havas).

A dissolução dos partidos alemães

VIENA, 14.—Saiu hoje o decreto que torna propriedade do Estado todos os bens dos antigos partidos políticos, que foram dissolvidos.—(Havas).

BOLSA DE LISBOA

CONTADO

VALORES	Aberto	Compra	Venda
Fund. do Estado			
Consolidado 6 1/2 % 1923	1.114\$00	1.114\$00	1.115\$00
convert. em 4 1/2 % 1931	1.055\$00	1.054\$00	1.056\$00
Consolidado 5 1/2 % 1933	988\$00	987\$00	989\$00
4 1/2 % 1933	—	—	—
Externo 3 % 1.ª Serie	—	1.602\$00	1.610\$00
3 % 2.ª	—	—	—
3 % 3.ª	—	1.611\$00	1.620\$00
Emp. 4 1/2 % 1912			
6 1/2 % 1928-Madeira	512\$50	512\$50	513\$00
6 1/2 % 1930-Consol.	—	511\$00	513\$50
6 3/4 % 1930-Portos	—	1.037\$00	1.041\$00
5 % 1932	—	—	—
Accções			
Bancos			
Comercial de Lx. port.	—	4.08\$00	45\$00
Lisboa & Açores	395\$00	391\$00	395\$00
Portugal	—	1.440\$00	1.000\$00
Espirito Santo	—	595\$00	—
C. de Seguros			
Bonaça	—	—	—
Fidelidade	—	—	—
Mundial	175\$00	174\$00	176\$00
Nacional	—	650\$00	—
Sagres	—	—	950\$00
Tagus	—	635\$00	—
C. diversas			
C. P. ordinarias	—	90\$00	—
privilegiadas	—	—	—
Agua de Lisboa, port.	—	621\$00	625\$00
Cerveja Estrela	—	—	240\$00
Cimentos de Leiria	—	—	—
Credito Predial	23\$90	23\$90	23\$95
Gaz e Electricidade	278\$50	278\$50	279\$00
Navegação	—	60\$00	62\$50
Portugal e Colonias	67\$20	67\$20	67\$80
Portuguesa de Pesca	—	155\$00	—
de Tabacos	374\$00	374\$00	375\$00
Tabacos de Portugal	—	315\$00	320\$00
Tabaqueira	—	520\$00	—
União Electrica Portug.	182\$00	181\$00	183\$00
Colonias			
Assucar d'Angola	—	394\$50	398\$00
Busi-1.ª Emisso.	—	38\$00	39\$50
—2.ª	—	—	—
Ilha do Principe	—	131\$50	135\$00
Obrigações			
C. P. 6 o/o	491\$00	491\$00	495\$00
Prediaes 6 o/o—1932 1.ª	—	95\$00	91\$00
7 o/o	115\$00	114\$50	—
8 o/o	92\$30	92\$00	92\$80
U. Electrica Port. 7 1/2	—	118\$00	—
Busi 9 o/o	—	—	—

Henrique de Barros Gomes

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
Telef. 2 5482 Rua S. Julião, 69

CAMBIO

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110\$00	110\$10
Paris	146\$6	146\$8
Madrid	304\$2	304\$6
New-York	22\$24,1	22\$27,2
Amsterdã	7\$20,2	7\$21,2
Berlim	1\$89,9	1\$90,2
Buenos Aires	5\$19,9	5\$20,6
Amsterdã	15\$01,7	15\$05,8
Berlim	8\$92,8	8\$94,0
Praga	4\$93,0	4\$93,0
Rio de Janeiro	1\$46,0	1\$46,2
Libra ouro	—	—

A opinião de Lloyd George

acêrca do plebiscito do Sarre

LONDRES, 14.—Lloyd George proferiu um discurso acêrca da politica externa. Disse que todos os que amam a paz, sejam amigos ou inimigos da Alemanha, inimigos ou amigos da França, devem desejar que o plebiscito do Sarre se realize com imparcialidade. É indispensavel uma decisão definitiva. O acôrdo franco-alemão acêrca do assunto é de bom augurio, mas ha ainda quem lute pela criação, junto da fronteira alemã, de um Estado alemão, que seria o ponto de concentração de todos os adversarios do terceiro Reich. Se tal se desse, tornar-se-ia impossivel o entendimento franco-alemão em que tanto se fala e que tanto desejam os verdadeiros amigos da paz.—(Americana).

Os tremores de terra nas Honduras

50 mortos—Horas angustiosas

TEGUCIGALPA, 14.—Sentiram-se novos e violentos abalos de terra em Ompa, os quais causaram cinquenta mortos, grande numero de feridos e prejuizos materiais elevadissimos.

A população de Ompa corre aliciada pelas ruas, pedindo em altos gritos a clemencia divina. Grande numero de habitantes fugiu para Guatemala, deixando em Ompa todos os seus haveres.

Durante o curto periodo de quinze dias registaram-se em Tegucigalpa violentos sismicos, que destruíram por completo quinze povoações. Os habitantes da região vivem horas de intenso terror e angustia.—(United Press).

Sinistro marítimo

ATENAS, 14.—Ontem á noite, perto de Carystos, declarou-se incendio a bordo do veleiro grego *Nicolaos*. O vapor *Teofilo Gauthier* correu em seu socorro, mas nada pôde fazer. Outro barco grego, o *Macedonia*, chegou tambem ao local do sinistro e conseguiu salvar o capitão e a tripulação. Nada mais se pôde fazer, atendendo a que o barco vinha carregado de gasolina e a explosão dos bidões impedia a aproximação.—(Havas).

Vulcões em actividade

Milhares de mortos nas Honduras?

NOVA YORK, 14.—Comunicam das Honduras que o vulcão «Cerro Negro» está a continuar a obra destrutiva dos tremores de terra. As lavas e as cinzas ardentes destruíram três povoações. Embora não se possa garantir a autenticidade de tal noticia, afirma-se que já ha milhares de mortos. Alguns jornais falam em 8.000 victimas, o que deve ser exagero.—(Americana).

A Italia e a Abissinia

LONDRES, 14.—O «Daily Herald» diz constar-lhe que a Abissinia tenciona entregar á S. D. N. o incidente da fronteira do Uahal, no caso de a Italia se recusar a submeter o assunto a arbitragem.—(Havas).

A CASA DAS MALAS

Orgulha-se de possuir, a melhor fabrica-ção em malas de couro, malas armario, acessórios de viagem e marroquineria fina. Preços muito razoaveis.

110, Rua da Prata, 114
Esq. da R. de S. Nicolau

Compre joias

na Casa Nascimento & Pinto onde encontra um sorriso que encanta pela sua distincção, qualidade e preço.

Compre-se pelo seu justo valor, brilhantes, pratas de arte e usadas, ouro, moedas, etc.

R. DO AMPARO, 106 a 108 (ao Rossio)

NOTICIAS DE ESPANHA

A confiscação dos bens rebeldes

BARCELONA, 14.—Está-se a proceder á confiscação dos bens dos principais implicados no movimento de outubro ultimo. Assim, já se ordenou a confiscação dos bens de Companys e de dois conselheiros do seu gabinete, dum ex-alcaide de Barcelona e de diversos capitães do exercito que se consideram rebeldes. O general Batet anunciou penas rigorosas contra os operarios que resistam ao decreto que restabeleceu a semana de 48 horas.—(Havas).

Crime misterioso

VIENA, 14.—Na semana passada, descobriu-se em Apvilgraben, perto de Graz, o cadaver dum desconhecido, que apresentava oito bracos produzidos por bala.

Trata-se dum nazi, de nome Oscar Baum, que segundo certas versões foi executado á ordem da «Santa Vehm».

Parece que foi atraído a uma emboscada por varios individuos, alguns dos quais já estão na mão da Polícia. O inquerito conclui que os projecteis são todos da mesma arma. A Polícia investiga.—(Havas).

O Natal na Inglaterra

e a circulação fiduciaria

LONDRES, 14.—O grande aumento de circulação fiduciaria que se nota no ultimo balancete do Banco de Inglaterra atribui-se á aproximação do Natal e aos habituais levantamentos de dinheiro que se fazem nesta época.

A circulação fiduciaria eleva-se neste momento a 393.224.328 libras ou seja 11.500.000 libras mais do que o ano passado.—(Havas).

A situação em Cuba

HAVANA, 14.—Segundo o artigo 43.º da Constituição, o julgamento de qualquer pessoa presa deverá efectuar-se dentro de dez dias após a sua detenção. O governo acaba, porém, de aprovar uma emenda áquele artigo, autorizando a prisão por tempo indefinido enquanto estiverem suspensas as garantias constitucionais.—(Havas).

Um violino celebre

LONDRES, 14.—Foi vendido, em leilão, por 140 libras, o violino «Gagliano», fabricado em 1773 para o rei Napoleão.—(Havas).

DIZ A SARDINHA:



—Coma-me
em
conserva

—Sou de
apetite!

RECUSE AS LATAS SEM
NOME DO FABRICANTE

ENCERADOS

PARA VENDA E ALUGUER TODAS AS
DIMENSÕES AOS MELHORES PREÇOS

JORGE SIMOES

23, Rua Vitorino Damásio, 24
(ao Jardim de Santos)
TELEFONE 2 2269 — LISBOA

O nazismo defende-se

BERLIM, 14.—O governo do Reich aprovou uma lei especial destinada a evitar que seja abalada a confiança do povo alemão. O novo diploma estabelece a pena de prisão para qualquer individuo que por escrito ou verbalmente ataque personalidades dirigentes do Estado ou do partido nacional-socialista ou os seus actos, desde que as suas palavras sejam de natureza a minar a confiança do povo no actual regime politico.

A lei coloca no mesmo pé as asserções feitas em publico e as que se fazem particularmente, quando o autor conte ou deva contar com a possibilidade de que as suas palavras se tornem publicas. Outra lei pune com penas que vão da prisão perpetua á pena de morte o uso ilegal de insignias ou uniforme do partido nacional-socialista, quando o seu portador tencione provocar tumultos ou aterrar a população ou ainda criar dificuldades politicas externas ao Reich. Os delitos previstos por esta lei são puniveis mesmo quando sejam cometidos por alemães no estrangeiro.—(Havas).

É facil perceber que esta nova lei especial, destinada a defender o estado totalitario nacional-socialista contra os ataques dos seus adversarios, pretende essencialmente desarticular o partido comunista alemão. Quando do ultimo plebiscito, promovido por Hitler, registaram-se quatro milhões de votos adversos que procediam exclusivamente dos adeptos da terceira Internacional, e dos descontentes do nazismo que com aqueles se aliavam, dadas as suas afinidades ideologicas e solidariedade de tactica. A adesão comoda da social democracia e dos partidos burgueses de feição democratica fôra a consequencia fatal da facilidade com que eles entregaram o poder aos seus adversarios de sempre.

Os acontecimentos tragicos de 30 de junho vieram acelerar ainda o movimento, desenhado no sentido da esquerda, que hoje abrange todos os inimigos do hitlerismo ortodoxo; os partidarios do capitão Roehm representavam, de facto, a asa socializante do nazismo que procurava tornar efetivas as promessas, feitas ás classes trabalhadoras, no periodo da propaganda para a conquista do poder.

Dois episodios, ocorridos ha dias, serviram apenas para confirmar as divergencias já acusadas nas fileiras do agrupamento que simbolisa o terceiro Reich: a demissão de Feder, teorico das doutrinas economicas nacionais socialistas, e a indicação official de que os leaders comunistas, ha muito presos, não seriam restituídos á liberdade.

Os insucessos que têm caracterizado a carreira do hitlerismo nos dominios da politica externa, inutilizaram a unica diversão que ele procurou seriamente para disfarçar as suas dificuldades no interior.

Estas acentuam-se, em cada dia que passa, perante os rigores de mais um inverno que marcará possivelmente a proletarização definitiva da classe média na Alemanha, e o desespero irremediavel dos meios trabalhadores.

De momento, a vitoria pertence aos agentes politicos da industria pesada e dos grandes agricultores empenhados no rearmamento apressado dum povo que se debate com a miseria.

A Austria e a Hungria

BUDAPESTE, 14.—Chegou a esta cidade o chanceler austriaco Schuschnigg, acompanhado de Waldenegg, a fim de retribuir a visita que Gombos fez a Viena em 5 de novembro.—(Havas).

Cal Hidraulica «Rochado»,
VENDE: Campo das Cebolas, 12-A—Telef. 2 6576

Quintão, Ltd.

São os decoradores mais modernos do País
Consultem-nos sempre e terão
resolvido um grande problema
44, Rua Ivens — Telefone 28089

ODEON e PALACIO

HOJE — Sensacional filme
de NORMA SHEARER

Quando uma mulher ama

ULTIMAS NOTICIAS

JOALHARIA LORY

ROSSIO 40

Joalharia platina e genero
antigo.—Pratas artisticas.
Cristais.—Esmaltes

O avião "Monteiro Torres" voou sobre a Berlenga

e deixou cair os mantimentos entregues pelo "Diário de Lisboa,"

De Peniche alcançou a ilha uma traineira cuja tripulação não pôde desembarcar

Como abaixo se lê, terminou a situação angustiosa dos faroleiros das Berlengas e de suas famílias, entre as quais há doze crianças.

«O Diário de Lisboa» acompanhou este assunto com o carinho com que o faria outro qualquer jornal, ao qual o acontecimento surgisse de início.

Não curámos saber se no caso havia responsabilidades de quaisquer pessoas, porque, em verdade, os temporais foram a única causa da situação. Nem se trata de saber se devia haver ou havia reservas de mantimentos; se o pessoal do Farol ganha ou não o suficiente para ter uma sucursal da mercearia Tavares nas suas caves.

A Direcção Geral dos Faróis é uma entidade a muitos títulos digna da consideração pública, e os seus oficiais competentes pela função e pelo sentimento do dever de assistência aos seus elementos directos de acção benemerita—nunca atraíram o seu papel. A Capitania do porto de Peniche, onde se encontra um oficial distinto e dedicado à causa dos Faróis, nunca deixou de tentar o possível—nesta e noutras emergências—para enviar viveres para a ilha, em ocasiões críticas.

Nada disto está em causa. E muito menos a disciplina, o espírito de previdência, o sentimento militar e o respeito pelos seus superiores do comandante do Farol da Berlenga, sr. Raul Cavaleiro, que é absolutamente alheio, e em tudo, à acção da imprensa, e particularmente do «Diário de Lisboa».

O importante é isto: na Berlenga havia carencia de generos, e senão a fome em absoluto, a perspectiva dela.

E as três pessoas—os turistas ali «presos» durante 12 dias pelo temporal—afirmavam, porque viram, o estado deficitário da dispensa, não havendo exagero algum nas suas declarações, e eles eram as únicas pessoas idóneas para informarem e servirem, neste caso, a orientação das autoridades. Choravam as crianças e as mulheres, e não era de pavor pelos temporais, pois neles nasceram, foram criados e vivem.

E—mesmo na dúvida de que as reservas do Farol «Duque de Bragança» estivessem esgotadas—, mesmo nessa dúvida, aliás forçada, o mais elementar sentimento de humanitarismo para que justificava o interesse público e a cooperação de toda a gente para que fossem socorridas as 25 almas que vivem na Berlenga.

Foi o que fizemos conjuntamente com as tentativas oficiais.

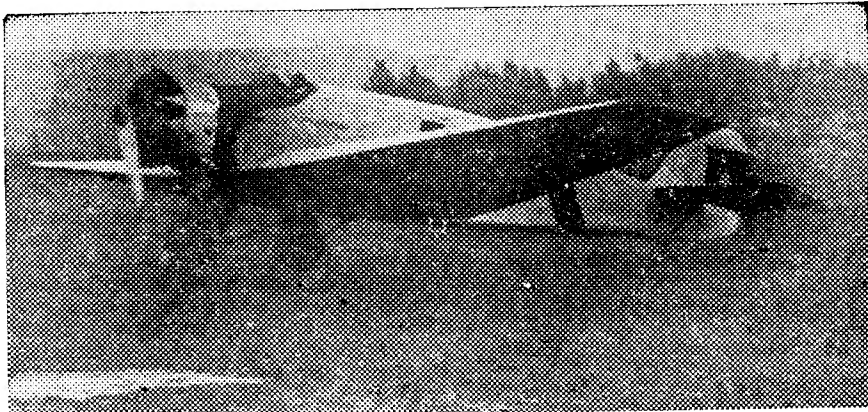
E regista-se em especial o interesse do sr. ministro da Marinha, comandante sr. Mesquita Guimarães, a acção pessoal e voluntária do bravo aviador sr. tenente-coronel Ribeiro da Fonseca, e as disposições do comandante sr. Monteiro de Barros, comandante do «Patrão Lopes» que não chegou a intervir.

E estamos satisfeitos.

O avião «Monteiro Torres»

deixou cair mantimentos na ilha

Provada a impossibilidade de, devido ao temporal, o barco dos Serviços de Faróis ou qualquer outro, ir levar à ilha da Berlenga os mantimentos de que os seus habitantes tinham urgente necessidade, o tenente-coronel Ribeiro da Fonseca, desejando aceder ao pedido do «Diário de Lisboa», dirigiu-se ntem cedo à Amadora e mandou preparar o Junkers «Monteiro Torres» a fim de seguir para aquela ilha e deixar cair lá os viveres necessários. Estes foram metidos em cinco sacas de sarapilheira, algumas envoltas em pedaços de tela de avião, procedendo à sua arumação a bordo da grande ave me-



O avião «Monteiro Torres», ao aterrizar hoje na Amadora

tálica o 2.º sargento-mecânico Abílio Santos, que os havia de lançar no alto da ilha.

Juntamente com eles, o sr. tenente-coronel Ribeiro da Fonseca colocou um excelente saco de viagem que encheu de pão, fazendo-o acompanhar dum bilhete com estas palavras: «Este saco é para o rapazito melhor e mais forte da ilha, por eleição entre todos».

A todos estes preparativos de ontem assistiram, com interesse, muitos aviadores e mecânicos do Grupo de Esquadrilhas de Aviação «República».

Embora continuasse a chover torrencialmente e a falta de visibilidade se mantivesse, o sr. tenente-coronel Ribeiro da Fonseca não perdeu a esperança de poder realizar ainda ontem o seu objectivo, pelo que resolveu permanecer no campo da Amadora até que uma «aberta» lhe indicasse que podia efectuar o projectado voo. Infelizmente, a falta de visibilidade manteve-se sempre, brigando o distinto aviador a adiar para hoje a sua ida à Berlenga.

Durante toda a manhã de hoje, continuou o nevoeiro e a chuva.

Cerca das 11 e 45, aproveitando uma «aberta» do tempo, o tenente-coronel Ribeiro da Fonseca resolveu partir e descolou cinco minutos depois, perdendo-se o «Monteiro Torres» a breve trecho, no horizonte nublado.

O avião sobre as Berlengas

PENICHE, 14 (Pelo telefone)—Terminou, felizmente, a difícil situação em que se encontravam, desde 1 do corrente, os faroleiros das Berlengas e as mulheres e crianças das suas famílias, devido ao facto de não receberem até hoje de manhã os mantimentos que lhes haviam de enviar naquele dia, primeiro do mês.

Só hoje o tempo permitiu que se tentasse restabelecer a comunicação marítima com a Berlenga.

Às 11 e 20 passou sobre Peniche o «Junkers» pilotado pelo tenente-coronel Ribeiro da Fonseca. Toda a população saiu para a rua, a fim de observar as suas evoluções.

Ao Cabo Carvoeiro, a Senhora dos Remedios, e aos sítios altos acorreram muitos populares, com o intuito de presenciarem se o nevoeiro permitisse o voo sobre as Berlengas.

BREVEMENTE:

GEVALUXE

A GRANDE NOVIDADE EM FOTOGRAFIA

ARCADIA

Alguns minutos depois o avião «Monteiro Torres», de regresso da Berlenga, passou novamente sobre esta vila, e tomou rumo sul.

O regresso a Amadora

fez-se com muito mau tempo

Pouco depois das 13 horas, aguardava-se na Amadora, a todo o momento, o regresso do avião «Monteiro Torres».

Admitia-se a hipótese de que Ribeiro da Fonseca tivesse aterrado, no regresso, em Santa Cruz ou em Sintra, dadas as condições do tempo.

Mas às 13 e 10, a silhueta imprecisa do grande avião, surgia da neblina, voando a pouca altura, açoitado pela chuva e pela ventania. Os soldados de serviço aos hangares correram para a pista, enquanto o «Monteiro Torres» fazia uma aterragem rápida e impecável. Chovia bem. O tenente-coronel Ribeiro da Fonseca desceu do comando, assinou o registo de voo e recebeu de um nosso redactor os agradecimentos do «Diário de Lisboa» pela maneira altruista como acedeu ao pedido que lhe formulamos para levar o nosso auxilio material até à gente das Berlengas.

Aproveitando uma das suas horas regulamentares de treino, o distinto aviador—hoje o nosso primeiro tecnico de aviação—quiz assim corresponder à ansiedade do publico, pondo, sem alarde, as suas qualidades ao serviço de uma causa humanitaria.

«Lá ficou tudo...»

Trocámos algumas palavras com Ribeiro da Fonseca que começou por nos dizer:

—Lá ficou tudo...

—Mau tempo...

—Sim, mau tempo. Voei sempre muito baixo, porque se me elevasse, perderia por completo a visibilidade.

—E na Berlenga?

—Aquele pobre gente, atraída pelo ruído do motor, saiu de suas casitas, acenando com entusiasmo. Desci então o mais possível, passando ao nível do ponto mais alto do farol—23 metros do solo—e o mecânico Santos começou nesse momento a deixar cair os volumes que nos haviam confiado.

E acrescentou, a concluir:

—Lá ficou tudo, como lhe disse, o mais proximo possível das habitações.

Depois, conversando despreziosamente, com a naturalidade que caracteriza a sua maneira de ser, Ribeiro da Fonseca não deixou de evocar com certa emoção, o espectáculo que presenciou. A ilha está rodeada por um mar de espuma que a violenta rebentação mantém, ha muitos dias. Parecia uma terra abandonada, quando o avião surgiu. Depois apareceram homens a correr, olhando o espaço em busca do aparelho. Seguiram-nos algumas mulheres, com crianças ao colo. Todos acenavam com aquele entusiasmo, que traduz as grandes alegrias, os momentos felizes. Chegava o pão, e a tranquillidade.

A alegria na ilha

PENICHE, 14 às 16 horas (Pelo telefone)—Regressou da Berlenga uma traineira «Três Amigos» cujo proprietario esta manhã a oferecera á capitania do porto de Peniche para demandar a ilha e levar mantimentos, pois é mais potente do que o barco dos faróis. Apesar do estado do tempo foi aceita a oferta feita pelo sr. Francisco Patrício da Cruz.

A tripulação foi escolhida e dela fazia parte o pessoal da capitania. O mestre da traineira é o experimentado pescador Hilário Braz.

A traineira conseguiu passar o Cabo Carvoeiro, atravessar o «mar da meia via» e aproximar-se da ilha. O mar, porém, não permitiu que a lancha da traineira entrasse no carreiro do Mosteiro, que serve o Farol. Ninguém pôde desembarcar. Os mantimentos foram retirados dos volumes e atirados para onde foi possível, mas já na ilha, não se tendo perdido coisa alguma.

Na praia encontrava-se todo o pessoal do Farol, com as mulheres, e as proprias crianças, que nunca descem á beira do Oceano, tinham vindo também atrás das mães.

A sua alegria—segundo nos relataram os tripulantes da traineira—era comunicativa. As crianças batiam palmas. O chefe do Farol, Raul Cavaleiro, com a sua austeridade conhecida, não ocultava por sinais a sua satisfação. Gritou: «muito obrigado a todos!»

Os mantimentos foram recolhidos pelos faroleiros e transportados de momento para o arruinado Mosteiro dos frades arrabidos, que se vê do mar.

Cumprida a sua missão e trocadas saudações—a traineira regressa a Peniche. Mais dois barcos tentaram aproximar-se, inutilmente. A passagem do avião «Junkers» e a sua acção na Berlenga causaram aqui grande contentamento.

O «Patrão Lopes»

não chegou a partir para a Berlenga

O navio de salvação «Patrão Lopes», ao contrario do que se disse, não largou ontem para as Berlengas, seguindo para a baía de Cascais, onde passou a noite, a fim de partir dali na manhã de hoje, como estava oficialmente anunciado.

Tendo-se sabido porém que os faroleiros estavam já a ser socorridos, o «Patrão Lopes» veio de Cascais para o Tejo, onde entrou a meio da tarde.

ULTIMA HORA

Informam-nos que sahiram hontem da Alfandega 2 grandes «carradas» de novidades nunca vistas em Lisboa, provenientes da Tchechoslovaquia e Alemanha para serem vendidas por preços inacreditaveis no MENAGE IDEAL da R. da Praia, 162-166.

Hoje—Chá dançante e Soirée com

2 — ORQUESTRAS — 2

Amanhã: 2 Grandiosas Estreias

Pilar Aranda e Eloisa Montes

Miss Escultura 1933

Jantares—Concerto a 15\$00

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271



EGAS MONIZ

Foi aio de Afonso Henriques e ofereceu-se com a mulher e os filhos para resgatar do rei a palavra mal cumprida. Os seculos foram andando e Egas Moniz ressurgiu na nossa época — cavaleiro, leal, sabio, orador, medico de doenças nervosas, politico, professor e biografo. Se lhe perguntassem :

— Não se fatiga de fazer tantas personagens ?

Ele responderia :

— Só faço uma, mas em horas diferentes.

Assim é: Egas Moniz, como as cores do espectro, vive no mesmo prisma: ilumina, aquece, cede e deslumbra, descobre os segredos da vida e obriga a natureza a perguntar-lhe:

— Porque me não deixas repousar no misterio em que nasci ?

— Tem paciencia, é só mais um pedacinho, enquanto eu descubro no cerebro dos homens a razão por que a sua alma, como lady Macbeth, passeia com a morte, supondo que anda num baile da corte.

ESTE SUPLEMENTO NÃO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

Do Tragico sem Expressão

Foi Maeterlinck quem deu valor ao que hoje se chama usualmente o *tragico quotidiano* que não hesito em definir: a porção de perigo e de risco que nos acompanha, por cada passo que damos e até por cada passo que não damos.

O heroísmo está ao alcance de toda a gente: a questão é imprimir aos nossos pensamentos e aos nossos gestos latitude e grandeza suficientes para rompermos a carapaça de inibições, lugares comuns e rotinas que nos embaraçam, obrigando-nos a representar papéis de comparsas, na historia, na lenda, no romance e no palco.

Quantas Antigonas não existem anónimas, entregues a obscuras e humildes tarefas—creaturas que não se revelam, porque a vida não lhes oferece oportunidade para isso!

Quando nós viajamos, encontrando no nosso caminho—nas cidades, nos portos, nos expressos e nos hotéis—tantos exemplares diversos de homens, com quem trocamos um ligeiro cumprimento ou um rápido olhar, acaso não haverá em esboço, ao menos no destino de alguns, a dancão funesta das Parcas—vingadoras e implacáveis?

O misterio vela sobre nós e dentro de nós, não consentindo que as curiosidades indiscretas perturbem a penumbra que o envolve.

Quem poderá responder integralmente pela sua segurança absoluta, dentro dos cinco minutos que estão diante de nós, escondidos na fatal ampulheta?

O rei Alexandre e Barthou saudavam a turba que os aclamava, sem presentirem que a morte avançava para eles, empunhando um ramo de flores.

Berçor: disse que o tempo, no amago da nossa consciencia, se resolve em criação continua—drama, comedia, invenção ou fulguração.

Uma prece recitada por habito, sem fôr nem amor, sai dos nossos lábios, qual glaciada folha morta, que se desprende do roble em que nasceu. Não entra na sucção intima dos nossos meritos conquistados, no mar das tormentas e das descobertas em que voa o nosso ser. Quando, porém, ela brota do coração, na febre divina da supplica incoñtada que demanda Deus, marca-se na nossa existencia, a traços vivos, queimando-nos a carne e libertando a alma.

Converte-se imediatamente em dinamismo religioso, em aspiração mística.

O mais pobre, o mais desgraçado dos nossos semelhantes, iguala, se não excede, sob este ponto de vista, os mais ousados pioneiros da acção e da contemplação. Incontestavelmente: as portas do Céu, sómente baterão os que houverem feito da sua existencia uma offerenda de abnegações e de virtudes sublimes. Não ha distincção, neste capitulo, entre sábios e ignorantes, governantes e governados, vencedores e vencidos: a justiça serve-se duma só medida, mas infalível, para que os reprovados não solem, nem clamores nem murmúrios.

A perfeição é incompatível com a tragedia, visto esta tirar a sua origem da velha luta pœne do instinto contra a razão, da paixão contra a persuasão, do bem contra o mal.

Nietzsche chamava a isto o duelo sagrado de duas forças hostis—a *dionisiaca* e a *apolinea*: a primeira, ardente, flamejante, cheia de gritos e blasfemias, arrastando na sua bravaça o material humano, a palpitar de dór e lubricidade, com que os poetas

construíram os poemas da loucura, do crime, da violencia e do desespero dominados pelo genio e pela arte salvadora;—a segunda, na clarissima serenidade do despontar da luz, correspondia á inefável comunhão das ideias e das emoções, traduzindo-se nas emnências do Parnaso, pela lira de Apolo e pelo còro das Musas, que contrapunham ao delirio baquico, á sarabanda noturna das animalidades rebeldes, a composição, a ordenação, a modulação e o equilibrio das nobres atitudes e das odes bem medidas e melodicas.

No seu livro *La Sagesse et la Destinée*, Maeterlinck, um pouco na esteira do filosofo do «Zarathustra», pretende convencer-nos de que a tragedia tem os seus dias contados: á medida que a liberdade fór triunfando da fatalidade, a ordem moral e juridica da desordem barbara e desatinada, os povos, crescentemente, na posse da liberdade e dos segredos anímicos, deixarão o jugo de tudo que é cego, brutal, imprevisível e misterioso. A sapiencia do sabio quebrará para sempre as cadeias de Prometheu. As fadas que assistem ao nascimento das crianças cortar-lhe-ão o cordão umbilical que sujeitava Electra, desde o ventre materno, a grilhões inquebráveis.

Numa palavra: a civilização afixará á barbarie que tornou possível, desde os poemas vedicos, a revolta contra os deuses injustos e tiranos que esmagavam os revoltados no quimior do sacrilegio.

Nietzsche compreendeu a origem, significação e evolução da tragedia? Maeterlinck previu com plena sagacidade a sua ruina?

Com a modestia que professo, por principio e devoto nas minhas afirmações, sou levado a discordar dum e doutro. Todos nós os que, desde 1914—ano em que a vida carregada de gostosos supplicios se soltou das mãos dos mestres e dos chefes sonolentos, igual ao tigre que despedaça os ferros da jaula—sabemos, por dilaçante experiencia, que a tragedia recrudescer, espalhou alucinações e terrores, penetrou nos lares e nos talamos, destruiu, partiu, corrompeu, arrancando aos animos ofegantes o estupendo còro dos sofrimentos macerados e recalçados, no seu inferno.

Se, por ventura, a humanidade fosse completamente racional, sem raizes que a fixassem num solo abalado por sismos, sem materia nem tentações, talvez nós víssemos calma e serenamente a historia, nem vagas de inquietação ou duvidas cruciantes. O caso mostrasse assás diferente e enigmatico: instalados no universo, somos parte integrante da criação, átomo é certo, mas em correlação ininterrupta com os mundos, os tempos e os espaços, os mares, os continentes, as selvas e as montanhas.

Mesmo nos instantes em que a nossa consciencia julga palrar e banhar-se no infinito, o barro de que fomos formados mantém o seu peso. Repare-se em que no proprio Reino de Deus, estalou a revolta dos Anjos, que, arrastados por Belial, ousaram medir-se com a plenitude cujo trono era superior ás suas ambições.

Que se passou no paraiso terreal?

Adão e Eva desagradeceram o beneficio da felicidade com a innocencia. Dessa culposa arremetida saiu, como o fruto da semente, a tragedia multipla, variavel com os seculos e as raças, seguindo atrás de nós, á semelhança da maldição que nos caiu no sangue.

Debalde Deus colocou junto de nós um anjo da guarda...

Na nossa indole, debatem-se tantas contradicções, tantos fermentos de verdade e de mentira, de soberba e de humildade, de crença e descrença que, permanentemente,

mente, oscilamos, divagamos e deliramos, provocando com as nossas incertezas e as nossas duras coleras as potestades irritadas que não sofrem o atrevimento dum bicho da terra tão pequeno.

A distincção de *dionisiaco* e *apolineo*, tão querida de Nietzsche que admite a sua possível conciliação, foi fabricada depois das grandes epocas inventivas da literatura grega. O conflito da fatalidade com a liberdade engendrou-se na filosofia germanica. O *ser ou não ser*, filho do pessimismo biblico, desprende-se do monologo enfermo de Hamlet.

A verdade é mais exigente, pois não se contenta com as «vistas do espirito» que geralmente representam sons destacados duma polifonia.

A tragedia não entra no valvém das coisas que adquirimos e perdemos: radica-se na nossa existencia, profundamente, eternamente—como o amor, o odio, a bravura, a covardia, a falta original e a paixão, a liberdade, a escravidão e o orgulho aos quais afasta do cáos onde se concebiam, disciplinando-os e encaminhando-os para um ideal de redenção.

Os seus maiores inimigos, ellos: a abulia, a retorica e a estupidéz.

Sociedade que consegue destruir o tema tragico, situando-se num recanto onde não ha sobresaltos nem appetites decreta para si propria o estado de cadaver.

Oswaldo Spengler não duvida afirmar:

—A tragedia serve para sacudir o torpôr nas horas tristes e acender o brio, quando os clarins soam.

Na historia das literaturas dramaticas a tragedia desabrocha da angustia tão necessariamente que se o seu roco esterior se não produzisse, observar-se-ia fenomeno identico ao da mãe que trás um filho no ventre e não consegue oferta-lo ao amor, sem operação de alta cirurgia.

Varios povos do oriente sentiram-na, mas desviaram-na do seu destino, condenando-se a movimentos envolventes e desenvolvendo, em roda dum feto. Que dores sem hygiene! As suas civilizações esterilizam-se em tal faina—laboriosa e inutil. O sublime atrai-nos e subjugua-nos.

Abençoada a mascara do Pavor em que ele nos visita!

Em opposição ao que supõem Nietzsche e Maeterlinck, a tragedia é um facto colectivo—mudo, eloquente ou simplesmente agónico. Anda pelas cidades e pelas aldeias. Com os soberanos e os subditos. Os soldados e os generais provam-lhe o travo amargo. Instala-se nos palacios e nas choupanas. Entra a sorrir e sai desvalhada das camaras conjugais ou dos catres ingenuos.

Quantas, quantissimas vezes não abre os labios por não saber articular o verbo da tortura e da catástrofe irreparavel!

Ocultam-se nas curtas noticias dos jornais:

—«Esta manhã foi encontrada morta por sufocação com dois filhinhos, uma infeliz mulher, chamada Maria da Felicidade, que morava num quarto miseravel. O marido abandonou-a ha mais dum ano, fugindo com outra mulher para o Brasil. Os três cadaveres foram removidos para a Morgue».

Cruamente, a cronica não dedica ao assunto nem mais um pomenor. Campa raza, desdita raza e prosa raza. No entanto, Maria da Felicidade é a encarnação moderna de Medea, tragedia de Euripedes—embora a epoca que atravessamos, superficial e desatenta,

não lhe consagre a atenção que merece.

Um dos caracteres da medio-cracia em que Toda-a-gente tem uma voz, faz o seu discurso e descarrega nos outros os desastres da sua enciclopedia incompetencia, consiste em apagar as luzes da cidade e deixar que cada um confunda as vielas com as avenidas centrais.

A tragedia cobre o rosto envergonhada; faz-se pedinte e veste-se de andrajos.

Mas não sacrifica a vãos preconceitos, a diatribes de zoilos ou a hipocrisias piedosas a sua marcha para a frente. A natureza utiliza-a para as erupções que necessitam das crateras como depressão.

Que seria de Hipolito, se Euripedes o não desagrasasse da afronta recebida?

Numa terra da penhascosa e remota Beira, havia um prior quasi octogenario, tuberculoso condenado. O medico fóra terminante, ordenando: «levantar-se tarde e evitar resfriamentos». Todos os dias, ás seis horas da manhã, com neve na serra e um vento que penetrava até aos ossos, o impavido velhinho subia ao altar. Foi num domingo agreste que o vimos no seu posto, a celebrar o Santo Sacrificio. Os seus intimos rogavam-lhe que se acautelasse, aliás cairia para nunca mais se levantar.

—Enquanto tiver forças, cumprirei o meu dever.

Alquebrado, duma magresa irre-real e translucida, pallido, tremulo e quasi afonico, era a imagem viva da humildade. Que assombrosa lição de heroísmo sem tubas! A tosse mal lhe consentia a leitura do Evangelho, varejando-o, castigando-o e obrigando-o a interrupções que o prostravam. Só no olhar lhe brilhava o sol longínquo do poente. Os fiéis—os avós, os filhos e os netos—que o conheciam e veneravam doíam-se da sua dór, vergavam-se eob cada pancada que lhe pregava o caixão.

—Deus do céu, concede-lhe vida e saude que ele é o nosso bom pastor!

Percebia-se, sem dificuldade, que se aproximava da sua meta e que brevemente um golpe de ar mais frio liquidaria a sua estranha e misera fraqueza. A dór que o revolvía, pondo-lhe gotas de suor na fronte nimbada, comunicava-se a todo o templo—a trasebordar de povo. Nunca vi lagrimas mais puras e sinceras. Escutava-se nas respirações apressadas, no silencio petrificante da turba esta invocação:

—Tende pena, Virgem Mãe, da vitima que se imola por nós!

E como esta quantas tragedias ignoradas, distantes e perdidas no desconforto das aguas-furtadas. Ninguém se ocupa delas, sumindo-se, portanto, no esquecimento, como nuvens de pó que o vento levanta na curva das estradas. O estilo nobre demanda assuntos elevados, corteçãos ou pelo menos palacianos.

Se Ester e Atalia fossem modestas donas de casa, Racine não as acordaria do seu longuissimo e aulico sono.

Podemos sequer imaginar uma Castro sem o seu principe ou uma Efigenia sem o lampejo epico da armada grega, no porto de Aulida?

No entanto, apesar do prestigio das grandezas espectaculares e do fulgor dos endecasílabos nas bocas reais, a tragedia tanto pode ostentar um manto de arminhos como uma capa esfarrapada. Actualmente desarrumam-se os individuos, as classes, as fortunas e as posições: parece que algum deus sarcástico e fantasista se distrai a baralhar uma feira de lites e soluços.

Os poderosos de ontem são hoje mendigos e muitos servos tornaram-se senhores.

Dante procurou, no *Inferno*, a tragedia humana. Bastar-lhe-ia hoje percorrer certos bairros, penetrando em antigos palacios decadentes, onde abunda materia para novo poema mais estupendo.

VIDA LITERARIA**Notas e Comentários aos Livros da Semana**

Continuamos a apreciar alguns livros que temos sobre a nossa mesa de trabalho. E prosseguiremos.

"Contos Selvagens"
por Brito Camacho

Trata-se do ultimo livro ainda publicado pelo dr. Brito Camacho, e que saia do prelo quando o fecundo homem de letras, autor de tanta obra bela, se apagou da vida.

Contos Selvagens não é, com certeza, a melhor obra do autor do *Longe da vista* e dos *Quadros Alentejanos*. É contudo uma obra forte, de rigor literário, e um sentido realista e humano da vida, em Africa.

São três os capitulos autonomos de que se compõe a obra. *Uma fera*, *Os canibais*, *Evolução regressiva*. Mais narrativa do que obra de imaginação, mais comentário e critica, irreverente aqui e ali, ironica por vezes, do que leitura amena, de pura ficção. Mas que poder de observação, que realismo impressionante, mas equilibrado, nalguns passos!

Uma fera é o melhor—quanto a nós—desses três contos onde perpassam paixões violentas, o delirio dos tropicos escaldantes, a vida adusta dos matos, com os aromas acres da terra africana. A figura de Julieta, no primeiro dos contos, talvez tirada do natural, impressiona pela sucessão de quadros em que se agita aquele corpo sensual e fútil de mulher. *Os canibais* dá fotografias, quando não pinturas, da vida colonial, reproduzindo aspectos verídicos, tornando-se quasi reportagem literaria. Em todas as paginas, nas quais Brito Camacho não se preocupa tanto como noutras obras, com a beleza literaria, quedando-se na forma perfeita e sugestiva—aparece o escritor critico e conceituoso, ou paisagista e viajero.

Contos Selvagens—da edição Guimarães & C.—não tem, quanto a nós, por circunstâncias que é talvez preferível não aventar—obtido na imprensa o relevo que um livro novo de Brito Camacho sempre recebeu como premio justo ao temperamento literario do seu autor.

E *Contos Selvagens*, se não é—repetimos—a melhor obra do escritor ha pouco desaparecido, é um livro que se integra na sua maneira, acusando o poderoso sentido literario de Brito Camacho, a sua expressão verbal sólida de linguagem, até o pitoresco desenfadado que distingue os escritos objectivos do autor de *Ao de leve*, que, como ninguém, utilizava a simplicidade como elemento de beleza.

Os *Contos Selvagens* têm lugar em todas as estantes seleccionadas.

"Cinco Aventuras Sem Importancia"
por Urbano Rodrigues

Este livro é dos mais interessantes, pela tecnica e pela forma equilibrada, do outono literario—a grande época da produção livreira no nosso país. Urbano Rodrigues que no *Idolo de Carne* começara a vincar a sua personalidade autonoma—apenas vislumbra em dois romances (1917 e 1918), firma-se definitivamente como homem de letras.

Cinco aventuras sem importancia—são seis novelas, pois a ultima é a unica que tem importancia para o autor, importancia moral e sentimental. São seis novelas curtas, seis capitulos de um livro, legado pela mesma figura, um Rodrigo Sepulveda, viajero moço, que colhe aventuras por esse mundo, em vez de colher os ensinamentos que a conclusão do curso lhe impunha, em jornadas de estudo científico.

De cidade em cidade e de amor em amor, Rodrigo regressa a Portugal, e termina nos braços de Aninhas, esposa que nós todos, acabado o livro, estamos a ver com uma ninhada de filhos, no dizer espirituoso do dr. Augusto de Castro—grande, indiscutível mestre das letras portuguesas, o mais lusitana e o mais europeu dos nossos artistas das belas letras—que prefaciou o livro de Urbano Rodrigues.

A primeira aventura dá uma Olga, russa de origem, violenta no amor,

coaleante, destas mulheres loucas que parece que têm opio nos labios; e escreve «amor» com o sangue do proprio seio, ferido pelos desatinos da luxuria. Rodrigo foge-lhe, protegido pelos amigos, alarmados pela aventura. Um transatlantico, uma partida de bluff, um flirt, uma cabine cor de rosa...

A segunda novela é Paris, e uma Ivone, francesa timida e ardente, demorada e consciente do perigo, afinal discreta e vencedora de si propria. Entrega-se, e foge; é ela quem foge, pondo termo á segunda aventura.

Ville d'Avray, o *Cabassud*, o Abaye de Thélème, um quarto de solteira, com muitas flores...

Depois surge uma americana, Grace, estranha e sensual, ave que pôs em Paris, e que roçou a sensibilidade do portuguezinho valente. É delicada, fina, ironica, afinal... mulher. Partiu, num beijo longo, resolutivo de despedida feroz, sem o acenar dum lenço, na gare de Paris. Terceira jornada.

O Bois de Mendou, a Place Vendôme, o boulevard des Capucines, fim da primavera em Paris...

Violet é a quarta novela, uma inglesa, de olhos verdes, amorosa e distinta, esquiva por temperamento da sua raça, quasi traçoira, uma que se deixa beijar e não se entrega, que quere só adorar o marido, que não adora, e que afasta Rodrigo estendendo-lhe languidamente a mão a beijar. Trafalgar Square, Rotteu Row, Green Park, um ramo de cravos, brumas de Londres...

Amparito é a quinta peregrinação, sem romantismo, nem amor. É pouco mais ou pouco menos de que uma caricatura. Maria Luiza, que está antes da espanhola bailarina, é um tipo de novela. Rodrigo liberta-se de Amparito, e da *madre*, e de um Paquito e foge, feliz de não ter caído no logro. Biarritz, Madrid, Sevilha, Santa Cruz, um Kursaal reles...

Alfim: Aninhas, a prima amorosa e timida, uma quinta do Ribatejo, mar de vinhas, pampos tenros, novilhos, bandos de pombos, vida patriarcal e lusiada. Um noivado que desperta, um vestido branco, bordados, passelos a cavalo, entre aromas de figueiras e marezias, ciúmes ingenuos, um segredo num diário, e uns sinos a tocar, e Aninhas que se vai casar...

Eis o livro de Urbano Rodrigues, no entrecho.

A novela de Grace, a americana, é lapidar, insinuante como a propria Grace. A figura mais perfeita das aventuras por terra estranha—pintura de artista—é a de Violet, a inglesa, pelo hierático do desenho, estudo de um Reynolds.

Aninhas é um amor de novela, mas Urbano Rodrigues sacrificou a sua beleza, dando só em apontamentos «o idílico e formosissimo remate, a apologia, não apenas da mulher portuguesa, mas a apologia da mulher no que ela tem de maternal, de instintivamente caseiro, de provinciana e pacificadora doçura»—no dizer de Augusto de Castro.

Equilíbrio descritivo, linguagem tratada, sem preciosismos, quadros adoráveis de cidades, aguarelas frescas, aqui e ali sensualidade discreta, lirismo doce, ao cabo, e, em conjunto, uma obra de um homem de letras, enquadrada num ambiente europeu, rematada em bom português.

Claro que os caracteres são apenas esquisitados, e Rodrigo é, afinal, um comparsa, sem individualidade. Mas o autor realiza o culto da Mulher, escrevendo um livro, que não é fútil, pois tem um fundo de moral conceituosa, a dentro de uma realização que satisfaz toda a classe de almas, e contenta a critica.

Capa feliz de Fernando Santos. Edição primorosa da Empresa Nacional de Publicidade. Exitó de livraria consolador.

"Marias da Minha Terra"
por Alice Ogando

Um novo livro, de versos, da escritora sr.^a D. Alice Ogando. É um livro de Natal, pela graça que o caracteriza e pelo feito rural e imaculado da maneira que, desta vez, a poetisa es-

colheu para firmar as suas formosas qualidades literarias.

Marias da Minha Terra—é o titulo, e o titulo diz da obra. São as Marias portuguesas, das romarias, dos campos, da vida simples longe das cidades.

É um livro delicioso este que Alice Ogando teceu de fios dos quadrinhos rusticos, livro sem pecado, todo em flôr, rescendendo aromas campesinos, e tocado de delicioso sópro das vidas ingenuas.

A realização poetica é perfeita, como poucas vezes se encontra nas raras obrinhas desta natureza. Os versos, de melodia natural, quasi que instintiva, decorrem como fio de agua, sem esforço, sem artificio.

Alice Ogando consegue, com uma graça infinita, e uma saúde literaria invejavel, dar um lirismo que não quebranta. É tudo suave e puro; a propria forma literaria, casando-se com o espirito das Marias da minha terra, é de uma pureza que afirma a um tempo vigor e sensibilidade.

Maria da Romaria é uma aguarela admiravel em doze sextilhas de boa marca, chegando a lembrar o melhor que, neste genero, nos legou Augusto Gil.

(Notei-lhe umas reminiscencias de alguns passos de certa poesia «O Maruero», de Catulo da Paixão. Deve ser coincidência).

*A Maria da Graça
beleza esquisita
um riso gaiato
na boca bonita.*

é outro pedaço de poesia que apetece decorar no seu triptico.
E vejam a graça disto:

*Tão alta a janela
do teu quinto andar.*

*Maria do Ceu
tu foste morar
pra junto ao teu nome.*

*Até custa a crêr
que possas subir,
que possas descer.*

Maria da Nazaré é outra pequena joia:

*Morena, castiça
alegre, a brincar
parece uma onda
fugida do mar!*

E a Maria da Soledade, lavadeira do Mondego, e a Maria da Agonia, que leva um filhinho pela mão, e a Maria Saudade, que fica á espera da carta que ha de dizer:

*Maria,
estou bem, obrigada.
voltarei um dia
talvez: mais depressa
que podes julgar.
Maria te juro
que eu hei-de voltar.*

e essa Maria da Conceição—verdadeira pagina de antologia—essa Maria que na festa, em dia de procissão, aparece desfeida, vestida á maneira da cidade, e de sapatos de saltos altos:

*Calça a chinelinha, calça.
Põe o lenço da Alcobaca
e a saia de flanela,
teu negro chal de tricana
pois tu és ribatejana!
Pois tu, Maria, és aquela*

*nascida nesta paisagem,
criada com esta aragem,
que faz a mulher formosa
e em paisagem bravia,
nunca pode ir bem, Maria
esse chapéu cor de rosa.*

*Volta á pois, sem vaidade.
Eu amo a simplicidade,
gosto de ti, sem mentira,
sem pose, sem presunção,
Maria da Conceição
de Vila Franca de Xira.*

Apresentação delicada de «Edições Moirante».

N. DE A.

Registo bibliografico

Aqui damos relação dos livros que nos foram enviados ultimamente, edições portuguesas e recentes.

Helada, por Mario de Artagão, da Academia de Letras do Rio Grande do Sul.

Vida Amorosa de D. Pedro IV, por Silva Tavares.

Triste vida a da Raposa, por Emilia de Sousa Costa.

O primitivo teatro português e o teatro da Nova Russia, por Sousa Costa.

O Espaço aereo em direito Internacional, por F. Maia Loureiro.

Gladiadores, por Alfredo Cortês.

Arbitragem Lavarello, por Mario Simões dos Reis.

Os quatro pontos cardiais do regionalismo algarvio, por Mateus Moreno.

O problema ferro-viario em 1934, por Guerra Maio.

O genio e o coração de Antero, conferencia, por Bourbon e Meneses.

Cantigas, por Jaime Lucio.

Ensaio de critica e estetica, por Henrique de Vilhena.

A mocidade de Herculano, (2 v.), por Victorino Nemesio.

Obras de Luciano Cordeiro: questões coloniais—primeiro volume.

A minha Cruz de Guerra, por Manuel Baptista.

Portugal vasto imperio, por Augusto da Costa.

Marias, por Alice Ogando.

Os Varonoffs da Democracia, por Fernando Pamplona.

Torresanos illustres, por Artur Gonçalves.

Historia da Santa Casa da Misericórdia do Porto, por A. de Magalhães Basto.

A margem do presente e do passado, por Gustavo de Freitas.

A Pecadora, romance por Amelia Cardia.

Documents diplomatiques francais (tome VII—31eme serie).

O Mundo português, direcção de Augusto Cunha.

Boletim da Agencia Geral das Colonias.

Guia de hotéis e turismo em Portugal.

Comentaire Théorique et Pratique du Pacte de la Société des Nations et des Statuts de L'Union Panaméricaine, por J. M. Jépes e Penela da Silva.

Enquanto a avó conta..., por Maria de Castro Henriques Oswald.

Romance de Inês de Castro, por Artur Augusto.

Anel do Imperador, por J. Reis Gomes.

Escola nacionalista, por Carls de Amorim.

Fronteiros de Portugal, por Joaquim Freire.

A Romaria, por Vasco Reis.

Chama da Patria, versos de Jaime Cunha.

Treze meses em Portugal, por Virgílio Mauricio.

Pedras de Deucalião, contos por Acácio M. Moreira.

Camões perante a Academia das Ciencias, por Roque Machado.

O meu jornal, (n.º 3—impressões de teatro), por Rolando da Silva.

Em defesa de Hitler, por Antonio R. de Meneses.

A viagem aventureira de Suventne Boltface a Zelstrufs, pelo visconde do Porto da Cruz.

Helada, (prosas gregas), por José Augusto.

Tabala das Marés em Lisboa para o ano de 1935.

Bases do desenvolvimento e organização do turismo nacional, por Carlos Manlito Torres.

Rosal em Flor, por Virginia Mota Cardoso.

Poesias.

O romance, alguns aspectos da sua evolução literaria, por Alberto Xavier. 1.º volume. Critica literaria.

Ana Rita, romance, por Jorge Antunes.

Leiam Coelho Neto!

As letras portuguesas acabam de perder um dos seus mais valiosos paladinos: Coelho Neto. Os seus romances, os seus contos, os seus poemas, as suas peças de teatro são verdadeiras obras-primas. Lê-las é ter a certeza de não perder o tempo, pela pureza da sua linguagem, pelo rigor das suas descrições, pelo poder da sua imaginação.

Não leu nunca *O Sertão*? Pois não hesite. Compre-o hoje mesmo. Compre-o então como se justificava a candidatura de Coelho Neto ao Prémio Nobel, apresentada em 1933 pelo governo brasileiro.

O catálogo com a descrição das obras completas do grande mestre, agora falecido, pode pedir-se nas Livrarias Aillaud & Lellos, rua do Carmo, 80, em Lisboa, e Lello Limitada, rua dos Carmelitas, 144, Porto, que também o enviam pelo correio a quem o solicitar por escrito.

UM CONTO POR SEMANA**Epaminondas queria salvar a humanidade**

Ha dias em que a cidade não fornece aos grandes devoradores de assunto que são os jornais uma noticia susceptivel de interessar a curiosidade dos leitores e de satisfazer a volupia nervosa das *linotypes*. Num país pequeno, como o nosso, os acontecimentos são quasi sempre de via reduzida. Cada país tem os acontecimentos que merece.

Eu não levo, evidentemente, a minha ansia profissional ao ponto de desejar que caia sobre nós uma catastrophe, destas que têm retumbancia mundial e que a gente vê reproduzidas no tapete magico das actualidades cinematograficas, a servir de complemento a uma historietta de amor banal. Tremores de terra violentos nas Antilhas, inundações pavorosas no Japão, ciclones destruidores nas Filipinas, erupções vulcanicas aterradoras na Polinesia, guerras sangrentas na China—constituem fenomenos tipicos, catalogados e adjectivados nos arquivos das grandes agencias de informação.

Felizmente, quando chegam até nós, quer seja através das imagens colhidas em flagrante pelo operador cinematografico, quer através das palavras medidas e contadas duma reportagem telegrafica, a distancia já lhes roubou uma boa parte da emoção que enriquecia a noticia no ponto de partida.

Em todo o caso, não é sem uma pontinha de inveja que um jornalista considera o manancial inesgotavel de materia-prima que esses países oferecem á sua curiosidade profissional.

Reduzidos como estamos a fazer a resenha das sessões de homenagem aos varões illustres de quem a nossa terra foi berço e o necrologio sentido dos que se lembram, de quando em quando, de baixar generosamente á sepultura para que não falte a composição nos *marmores* dos jornais, a contemplação do Mundo através das folhas dactilografadas que as agencias nos mandam constitui ainda o melhor prato do dia do nosso *menu* habitual.

E a verdade é que, enquanto o resto do planeta se debate numa crise pavorosa, vivendo no meio duma agitação constante, nós sentimo-nos esmagados sob o peso da felicidade que nos encharca os ossos.

Chegam até nós os lamentos da tempestade que se desencadeou sobre o globo e passamos ao largo, sem comunicar a menor vibração á calmaria pôdre do nosso estado atmosferico, as correntes tumultuosas que agitam os mares e os tufões que varrem os continentes distantes.

Foi entre a noticia de um assalto de *gangsters* a um banco americano e a descrição minuciosa do enxoval de casamento da princesa Marina que o continuo me anunciou nesse dia a visita do sr. Epaminondas Fernandes—«para tratar de um assunto da maior importancia para o jornal».

Mandei entrar, embora as pessoas que se dirigem ás redacções dos jornais «para tratar de assuntos da maior importancia» sejam, por via de regra, destituídas do mais pequeno interesse. No entanto, não quize deixar de atender Epaminondas, quanto mais não fôsse pelo desplante pomposo do nome que Fernandes adicionara ao apelido plebeu.

Dali a pouco a porta da redacção abriu-se e entrou um homenzinho baixo e magro, cerimonioso e tímido. Ficou hesitante um momento, sem saber a quem se havia de dirigir. Indiquei-lhe uma cadeira. Epaminondas avançou com passinhos meudos, fez uma venia e sentou-se. Seus olhos tinham um brilho estranho. Caía-lhe sobre a testa alta e enrugada uma me-

cha de cabelos brancos. Vestia um fato lustroso, á força de usado, e começou a falar a mêdo e em voz baixa, olhando em volta, como quem vai revelar um segredo que lhe queima os labios.

—V. Ex.^a ha de desculpar-me o atrevimento... Este jornal está sempre aberto a todas as iniciativas generosas e foi por isso que me resolvi a procurá-lo para lhe fazer uma comunicação muito importante, que julgo ser do mais alto interesse para o país e para a humanidade em geral...

Quando eles começam a falar neste tom, já sabemos que trazem dentro duma pasta um largo plano economico ou financeiro, o aproveitamento das quedas de agua do Zezere, a valorização agricola do planalto de Benguela ou a resolução inteligente do problema do transito nas ruas de Lisboa.

Fiz com a cabeça um gesto de assentimento e deixei-o prosseguir:

—Como sabe, os seres humanos são os mais infelizes da escala zoologica e lutam desde o alvorecer do Mundo pela conquista da felicidade. Todos os sistemas que se têm posto em pratica para conseguir um melhor equilibrio social falliram estrondosamente. A humanidade continua a esperar que apareça alguém capaz de resolver os problemas de toda a ordem que a afligem, pondo fim ao sofrimento que distingue o genero humano da maioria dos irracionais.

Tocou o telefone. A voz sacudida e laconica dum informador anunciava um crime passionnal. Uma vaga mais alta agitou por um momento a serenidade da redacção, um reporter desceu galgando as escadas quatro a quatro, e fez-se de novo o silencio que animou Epaminondas a continuar pausadamente a sua exposição: —Veja v. ex.^a, por exemplo, como o problema da protecção á infancia carece de uma solução urgente.

E ao falar das crianças «que vieram ao mundo sem uma protecção e que a vida madrasta condena impiedosamente a um sofrimento injusto», havia um acento de amargura nas suas palavras e os olhos chegaram a humedecer-se-lhe.

Por mais simpatico que este pobre diabo me parecesse, a verdade é que começava a impacientar-me.

—Mas, enfim, em que é que o jornal lhe pode ser util?—preguntei-lhe com o proposito de abreviar.

Epaminondas olhou-me, primeiro com uma expressão triste, em que se lia magua e revolta, depois agitou-se na cadeira, a sua voz ganhou decisão e sonoridade.

—A Imprensa, disse em tom oratorio, tem o dever de proteger os fracos contra as prepotencias dos homens e as injustiças da sorte.

Compreendi que estava na presença dum iluminado, dum desses infelizes vergastados pelos azares da fortuna e que correm ás redacções dos jornais como os naufragos ao tentar agarrar-se a uma tabua de salvação.

—Evidentemente—concordei, para dizer alguma coisa.

—Ora eu tenho um plano, prosseguiu num tom de voz infantil e doce, um plano que a ser posto em pratica salvaria a humanidade e daria a cada um o quinhão de felicidade a que tem direito. A distribuição da riqueza...

Não o deixei continuar. Os minutos passavam e o serviço acumulava-se em cima da minha secretária. Pedi-lhe que expuzesse o seu plano por escrito, que o mandasse ao director do jornal e que viesse depois saber a resposta. Epaminondas titubeou algumas palavras de agradecimento; levantou-se devagar; apertei-lhe

a mão, que escaldava. A despedida, ouvi-o ainda dizer, com a voz molhada de lagrimas:

—As crianças, sobretudo as crianças... E desapareceu, como uma sombra, devagarinho e sem fazer ruido.

Ao contrario de outros, que se fazem anunciar logo no dia seguinte, Epaminondas não voltou. E a historia ficaria por aqui ou talvez não chegasse mesmo a ser uma historia, se daí a dias o reporter do Toren não chegasse á redacção com esta noticia fulminante:

—Sabe quem foi preso?

—Não calculo. Ha todos os dias surpresas...

—O Epaminondas.

E contou que se tratava dum antigo regente agricola, desempregado ha anos, desde que a agricultura alcançou o grau de prosperidade em que está hoje. Casou e enviuvou cedo. A mulher morreu de parto, deixando-lhe uma criança. O pobre homem teve de ser o pai e a mãe daquela filha. Criou-a com sacrificios que ninguém sonha. Tinha agora oito anos, era franzina e loira como a mãe, e os

seus olhos tinham a mesma côr de porcelana molhada.

Sem recursos, batendo a portas que não se abriam e a outras que logo se fechavam, a sua imaginação febril começou a architectar um plano para salvar a humanidade e dar a cada um aquilo de que necessita para viver. Foi nessa fase que me entrou pela redacção dentro.

Mas a pequena definhava dia a dia. O «seu plano» não surtia efeito. Ninguém o acreditava. Todos o tomavam por doido. E a verdade é que a miseria lhe perturbava as faculdades mentais.

A pequena piorou. Os seus olhos fizeram-se maiores. Um círculo violeta envolvia-os, dando-lhe uma expressão resignada e doce. Até que um dia se cerraram lentamente e ficou adormecida para sempre.

Epaminondas pegou-lhe nas mãozinhas frias e ali se deixou ficar á beira do leito, a velar-lhe o sono. Ora sorria, á espera de que ela sorrisse, ora chorava, com mêdo de que ela não acordasse.

Foram encontrá-lo nesta attitude passmada, alheado das horas que passavam, e deram parte á Policia. Foi preciso empregar a força para o convencer de que a Morte tinha os seus direitos sobre a filha. Ele já não tinha nenhuns. E levaram-no para o Toren, á espera de lhe dar destino.

NORBERTO LOPES.

RAINHA DA ATITUDE E PRINCESA DO GESTO

Os lisboetas têm agora ensejo de vêr e ouvir Damia, uma grande, uma verdadeira artista, que vota ao «music-hall» o seu amor e o seu talento.

O «music-hall» só é um espectáculo inferior quando não passa do illusionista barato e da cupletista gorda. A canção não é uma arte menor, pois não tem culpa de todos os atentados que a vitimam, em nome do humorismo e da politica. Em França, onde a canção atravessou um periodo de lamentavel decadencia, ressurgindo agora com maior força e pureza, Damia fez sempre figura de rainha.

«Rainha da attitude e princesa do gesto», escreveu Edmond Rostand para Sarah Bernhardt. O alexandrino gastou-se em mil e um despropósitos, servindo de «slogan» publicitario a nulidades. Por uma vez, quizemos rehabilitá-lo, ao encimar com ele este bonito feixe de «croquis» de Diogo de Macedo, em que o estilo pujante de Damia, tragica á maneira antiga e artista sempre moderna, se reflecte como num espelho fiel.

Dez minutos com Do livro **"MENSAGEM"** de **FERNANDO PESSOA**



Fernando Pessoa

A calva socratica, os olhos de corvo de Edgar Poe, e um bigode rizível, chaplinesco—eis a traços tão fortes como precisos a mascara de Fernando Pessoa. Encontramo-lo friorento e encharcado desta chuva cruel de dezembro a uma mesa do Martinho da Arcada, ultima estampa romantica dos cafés do século XX. E' ali que vivem agora os derradeiros abencerragens do «Orfeu». A lira não se partiu. Ecôa ainda, mas menos barbara, trazida da velha Grecia, no peito duma sereia, até á foz romana do Tejo, Fernando Pessoa tem três almas, baptizadas na pia lustral da estetica nova: Alvaro de Campos, o dos odes, convulsivo de dinamismo, Ricardo Reis, o classico, que trabalha maravilhosamente a proza, descobrindo na cinza dos tumulos, tesouros de imagens, e Alberto Caeiro, o super-classico, magestoso como um principe. Mas desta vez fala Fernando Pessoa—em «pessoa». O titulo da sua obra recente, «Mensagem», está entre nós, como um hifen de amizade literaria. Porque o titulo?

O poeta desce a escada de Jacob, lentamente, coberto de neblinas e de signos misteriosos. A sua inteligencia geometriza palavras, que vai rectificando empôz. A sua confidencia é quasi soturna, tragica de inspiração intima:

—«Mensagem» é um livro nacionalista, e, portanto, na tradição cristã representada primeiro pela busca do Santo Graal, e depois pela esperança do Encoberto.

E' difficil de entender, mas os poetas falam como as cavernas com boca de misterio. De resto os versos são oiro de lingua, fortes como tempestades.

—E' um livro novo?

—Escrito em mim ha muito tempo. Ha poemas que são de 1914, quasi do tempo do «Orfeu».

—Mas estes são agora mais classicos, digamos. Versos de almas tranquilas...

—Talvez? E' que eu tenho varias maneiras de escrever—nunca uma.

—E como estabelece o contacto com o deserto branco do papel?

Pessoa, numa nuvem do opio:

—Por impulso, por intuição, que depois altero. O autor dá lugar ao critico, mas este sabe o que aquele quiz fazer...

—A sua «Mensagem»...

—Projectar no momento presente uma coisa que vem através de Portugal, desde os romances de cavalaria. Quiz marcar o destino imperial de Portugal, esse imperio que perpassou através de D. Sebastião, e que continua, «ha-de sêr».

Fernando Pessoa, recolhe-se. Disse tudo. Sob a escada de Jacob, e desaparece á nossa vista, num ceu constelado de enigmas e de belas imagens. Ferreira Gomes que está ao nosso lado olha-nos com misterio. Que é do poeta?

A. P.

(Fotografia de Ferreira Gomes)

transcrevem-se **3** poemas com **3** ilustrações inéditas de **ALMADA**

1.

O INFANTE

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quiz que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente.
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou creou-te portuguez.
Do mar e nós em ti nos deu signal.
Cumpru-se o Mar, e o Imperio se destez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!



2.

O MOSTRENGO

O mostrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
A' roda da nau voou trez vezes,
Voou trez vezes a chiar,
E disse: «Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tectos negros do fim do mundo?»
E o homem do leme disse, tremendo,
«El-Rei D. João Segundo!»

«De quem são as velas onde me roço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?»
Disse o mostrengo, e rodou trez vezes.
Trez vezes rodou immundo e grosso,
«Quem vem poder o que só eu posso,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?»
E o homem do leme tremeu, e disse,
«El-Rei D. João Segundo!»

Trez vezes do leme as mãos ergueu,
Trez vezes ao leme as reprendeu,
E disse no fim de temer trez vezes,
«Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um Povo que quer o mar que é teu;
E mais que o mostrengo, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a' vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo!»



3.

PRECE

Senhor, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silencio hostil,
O mar universal e a saúde.

Mas a chamma, que a vida em nós creou,
Se ainda ha vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a occultou:
A mão do vento pode erguel-a ainda.

Dá o sopro, a aragem — ou desgraça ou ancia —,
Com que a chamma do exforço se remoça,
E outra vez conquistemos a Distancia —
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

HERALDICA



O escudo de armas do Duque e da Duquesa de Kent.

RIVALIDADE ANGLO-AMERICANA



O menino John Bull e o menino Sam, ao mesmo tempo:—Olhe, minha senhora, veja o que ele está a esconder, o mentiroso!...

(Guerin Meschino)

A MODA DOS SEM-CHAPÉU NO PARAISO



—E' possível que seja bonito.... Mas não gosto de ver aqueles matulões sem resplendor....

(Marc' Aurelio)

URBANISMO



—No plano da nossa nova cidade, sr. architecto, não se esqueça de prever um lugar para o túmulo do próximo soldado desconhecido....

(Krokodil, de Moscovo)

TEATRO

Uma cena da ultima peça, AMOR, de Augusto de Castro

Publicamos hoje uma cena notavel da nova peça do sr. dr. Augusto de Castro «Amor», e que em breve—tudo o leva a crer—será apresentada em Lisboa.

O eminente dramaturgo e admiravel escriptor, diplomata pelo espirito gentilissimo e pela acção patriótica—demonstra nesta obra o seu inconfundivel talento, a sua magistral intuição do teatro.

TERCEIRO ACTO

CENA VI

Elena e Condessa

CONDESSA

Não sei se a minha visita, minha cara Elena, lhe deu muito prazer, mas pensei, depois do que aconteceu, que teríamos tanta coisa a dizer!

ELENA

... Do que aconteceu?

CONDESSA

Sim. Não façamos misterios. Somos ambas mulheres. E entre mulheres (eu sempre o entendi) devemos-nos solidariedade. Nós não somos apenas um sexo. As mulheres que amam constituem uma classe.

ELENA

Não entendo, Condessa.

CONDESSA

«Allons! Allons!» A morte desse tresloucado Fred que toda a gente sabia doido de amor por si. Mas, minha querida, durante um mês em Lisboa não se falou senão disso! Em todo o caso, neste drama horrivel, eu quero dizer-lhe a parte dolorosa que tomei por si e que nunca deixei de a defender e a Rogerio. Coisa curiosa! A sociedade em Lisboa quasi que se dividia apaixonadamente em dois partidos. Os homens eram por Fred e condenavam Rogerio, mas, nós, as mulheres, eramos unanimemente em favor de Rogerio, que defendeu a sua honra...

ELENA

Cada vez entendo menos, e sobretudo cada vez entendo menos que motivos a podem levar, Condessa, a vir trazer até mim, até este deserto, onde me escondi para não ouvir falar dessas coisas, toda essa lama, toda essa compaixão tardia, todas essas fantasias miseráveis!...

CONDESSA

Fantasias miseráveis?... O mundo compreendeu talvez mal, interpretou talvez mal o que se passou. Mas desde que foi conhecido que Luiza, cuja viuvez todos deploravam, ao fim de pouco mais dum mês, era oficialmente noiva de Ruy—houve uma verdadeira reviravolta a seu favor, Elena. E todos compreenderam que, afinal, a unica vítima do amor de Fred era você, Elena...

ELENA

Não me interessa saber o que se disse, não me interessa conhecer o lodo de que me salpicaram e salpicam ainda. Mas para que trazer, Condessa, para que trazer-me essa lama com que um mundo que me não interessa se divertiu e se diverte ainda a manchar o nome de Rogerio, a unica pessoa que em toda esta dolorosa historia não tem que ser, bem ou mal, envolvido? (levantando-se). Não, Condessa. Eu não quero saber. Calculei que um mar de lodo, de falsidades, de calunias, deveria inevitavelmente surgir em torno de mim, do meu nome, da minha vida... Por isso fugi para aqui—para não saber, para não pensar, para não me defender, para não me acusar. Pelo seu telegrama de hoje, annunciando-me uma visita, compreendi. Eu era o animal raro; meu marido, o animal raro e ridiculo, que valia a pena expiar, estudar... Que delicioso espectáculo! Quiz impedi-lo, mesmo a custo duma grosseria. Não previ a pressa dos espectadores. Não pude. Mas fiquemos por aqui, Condessa. Ha crueldades que são superiores, em requinte, aos mais ferozes sadismos.

CONDESSA

Elena! Nunca supuz que um acto como o meu, inspirado nos mais delicados sentimentos de estima, pudesse, numa ocasião como esta, ser interpretado dessa forma. (noutro tom). Mas eu compreendo. Ha estados de espirito que justificam tudo. Eu não seria mu-



Augusto de Castro

lher, se não o compreendesse. «Sans rancune!» (vai para sair).

ELENA

Não. Agora que vieram, que o mal está feito, é bom talvez que eu saiba o resto. Ha meias palavras que são piores que os mais temiveis venenos... Condessa, o que queriam dizer as suas meias palavras de ha pouco sobre Fred, sobre Rogerio?... Sobre Rogerio, sobretudo.

CONDESSA

Não aceito interrogatorios. Não aceito sobretudo esse tom.

ELENA

Vamos! Nada de hipocrisias ou de sentimentalismos. Falemos claro.

CONDESSA

Seja. Falemos claro. Eu não devia talvez ter vindo. Compreendo-o agora. Mas já que vim, não quero sair daqui deixando da minha visita de amizade uma má impressão. E' possível que eu lhe possa ser util, Elena. Vim para me pôr inteiramente á sua disposição. Vim sobretudo para lhe dizer que nestas coisas nada ha como «braver» o escandalo, ir ao encontro dele. Vocês devem voltar para Lisboa, agora sobretudo que os projectos de noivado de Luiza não são um misterio para ninguém. Quinze dias depois do vosso regresso ninguém mais falará no assunto. E' o momento. Esconder-se pode dar lugar á persistencia de suspeitas irremediáveis... E' o meu parecer, minha cara Elena.

ELENA

Neste momento, isso pouco importa. Mas eu preciso de saber primeiro de que me accusam, o que se diz—não por mim, mas por ele, por...

CONDESSA

Fred?

ELENA

Fred, não. Esse foi talvez o unico feliz. Pior que tudo é viver. Mas Rogerio. E' esse quem á minha lealdade importa.

CONDESSA

Toda a gente em Lisboa conhece a versão do drama, creio que espalhada pela propria Luiza. Diz-se que Fred vos seguirá até Sevilha, depois de ter procurado inutilmente opôr-se ao casamento. E sabe-se que, depois duma altercação violenta, uma noite, Rogerio, ele proprio, ficára ferido.

ELENA

E' falso.

CONDESSA

Luiza, chegada pouco depois a Sevilha, quiz denunciar o caso ás autoridades, mas diz-se—é talvez a propria Luiza quem o diz...

ELENA

O quê?

CONDESSA

Que a Elena ameaçara com a revelação de cartas comprometedoras de Fred e que diante do escandalo que a comprometia também a ela, Luiza hesitára, confirmando, ela propria, a versão dum suicidio em que, ao que parece, só as autoridades acreditaram...

ELENA

E' falso.

CONDESSA

Oh! minha querida! Eu reproduzo apenas.

ELENA

Diz-se também, é claro, que eu era a amante de Fred?

CONDESSA

Oh! Isso... enfim! Isso, minha cara, tem uma importancia relativamente secundaria.

ELENA

E' falso isso também. (depois dum momento) Compreendo, compreendo tudo. Desde o principio que o compreendo. Mas no meio desta solidão, do silencio, da paz, pude talvez ter uma ilusão, breve, triste, mas uma ilusão. As suas palavras, Condessa, e, mais do que as suas palavras, a sua visita vieram chamar-me de novo á realidade mais dolorosa do que tudo. Compreendo. Para toda a gente, eu era, eu fui até ao ultimo momento, a amante de Fred—sua amante, cúmplice das suas assiduidades. Rogerio, marido indulgente, noivo condescendente. Enfim, uma viagem de nupcias a três... Não é verdade? Uma bela noite, uma disputa, o amante morto, o marido ferido. Sobrevem a viuva. E eu, a amante, ponho em execução a «chantage» a classica «chantage» para salvar o marido, já que o amante estava perdido... E' isso, não? (silencio da Condessa) E' falso, é falso! Falso! Falso! (tomando as mãos da Condessa sem poder dominar a explosão dos seus nervos no auge da excitação) E' falso! A verdade, ouves bem? (a cabeça perdida, trata a Condessa por tu) a verdade é que Fred não era de ha muito o meu amante e se me seguia, se me persegua, era contra a minha vontade. Quando o soube em Sevilha, tive medo, por mim, pelo pobre Rogerio que tudo ignorava, pelo meu futuro. Previ não sei o quê. Quiz, a todo o custo, evitar uma cilada, uma vergonha, e só consenti em avistar-me com Fred para o intimar a partir, a deixar-me tranquilla. A sua obstinação foi mais forte do que as minhas supplicas e a minha colera. Foi um desastre que o matou, um desastre do qual ninguém é responsavel. Nada mais. E quando Luiza chegou e ameaçou de me denunciar como autora da morte do marido, com a cumplicidade de Rogerio, eu, no cumulo do desespero, perdi a, vencida, exausta, como uma naufraga, para acabar com tudo, comigo propria, com o espectro desse morto, da minha dor, de tudo o que me cercava, confessei-me responsavel de tudo, de tudo o que não consentira, que não fizera, a traição, o assassinio, tudo! Esperei, esperei toda uma longa noite que a denuncia com que Luiza me ameaçara surtisse efeito. Aguardei a prisão, sem uma palavra, como um farrapo, um condenado que espera que dêem misericordiosamente fim á sua agonia. Pela manhã, quando esperava a policia, recebi um bilhete de Luiza concebido nestes termos (E Elena, os olhos fixos e brancos, recorda, palavra por palavra, o texto do bilhete inscrito indelevelmente na sua memoria) «Reflecti. O escandalo seria para mim um oprobrio, para ti talvez um premio. Para todos os efeitos, Fred suicidou-se. E' o que acabo de confirma ás autoridades. Quanto a ti, condeno-te ao maior castigo. Condeno-te a viver». (Pausa) Condeno-te a viver! Vês? Luiza tinha razão. Eu vivo. Condenada a viver! E vêm vocês todos de longe mostrar-me que a minha pena, a minha expiação não começaram ainda. A vida! Esta miseria! Condenada a viver, condenada a salpicar de lama tudo o que foi o meu amor de ontem, tudo o que é o meu amor de hoje, os meus dias, os meus beijos, as minhas penas—e esse que só cometeu o crime de me amar e confiar em mim! A minha dor é esta miseria de dor!

CONDESSA

Minha cara Elena, acalme-se. Estou desolada de ter vindo levemente avivar o seu sofrimento. Mas eu estava longe de prevêr, eu não podia prevêr. (Pausa) O tempo, minha cara Elena, cura tudo, mesmo a maldade dos outros.

(Elena cai, hirta, sem lagrimas, sobre uma cadeira).

O PANORAMA LITERARIO PORTUGUES

Responde Manuel Ribeiro

MANUEL RIBEIRO

—Quais são as tendências que mais caracterizam a moderna literatura portuguesa?

—No momento actual não vislumbro revelação capaz de polarizar valores á roda de qualquer tendencia bem definida. Ha optimos livros que se admiram como obras primas do talento, mas sem dinamismo que provoque correntes de interesse, nem ressonancia que longamente perdure. Insuficiencia dos escritores? De modo nenhum. Falta de motivos inspiradores? Em parte porque tudo está explorado e bem explorado, e só muito ao de leve variou a fisionomia social. Atribuo esta carencia dos autores á mingua duma forte e convicta fé seja no que for, consequencia da quebra da unidade mental e espiritual que se acentua cada vez mais na crise que atravessam as concepções filosoficas e as ideias. A deliquescencia geral reflecte-se no escritor que erra no vacuo, sem bases para firmar e desenrolar as suas architecturas. Cada um volve-se então para os particularismos mais sollicitantes: o ereticismo, a arte pela arte, a autobiografia, o caso pessoal, a fuga e o errantismo aventureiro, quando se não mói a estafada literatura de analyse que nada de inedito pode já extrair da alma sorvida e gasta. Para se reanimar, precisa a arte de estímulos novos.

—Quais são esses estímulos?

—Quando digo estímulos não quero referir-me a sollicitudes de qualquer ordem e muito menos a aplausos. O escritor que se preza dispensa incitamentos e aplausos; do que ele necessita é de apoios, quero dizer, de materia prima para trabalhar. O melhor estímulo para a literatura está na renovação das ideias, num mundo novo, numa vida nova com outras complexidades, outros problemas, outra psicologia, outro clima, como agora se diz.

—E' possível que a arte necessite doutras fontes onde se retemperem. Uma vida nova, um mundo novo... E de que modo os visiona?

—Isso é uma questão que só indirectamente afecta o literato. Conquanto o criterio do melhor e do pior seja um tanto alheio ao caso, declaro que os visiona melhores. Não sou pessimista porque sou cristão e creio numa relativa perfectibilidade. Ha evidentemente males insanáveis; mas ha os que são removíveis e tenho grande confiança nas possibilidades intellectuais e espirituais. O homem não é um anjo caído do céu, como disse um celebre poeta crente, mas um produto da terra capaz de elevar-se ao céu. E nisto deve ele ser instruído para que se não julgue um astro desfeito em lama, mas uma lama capaz de converter-se em astro.

—Qual das correntes filosoficas exerce agora maior influencia, o materialismo ou o espirituismo?

—O espirituismo predominou após a guerra, sobretudo no seu aspecto místico-religioso; depois esmoreceu, em virtude da crescente paganização da vida e da primazia dada pelo catolicismo a principios de ordem social com prejuizo da espirituabilidade, que é, a meu ver, o verdadeiro campo da actuação religiosa, onde se colhem os mais benéficos e perduráveis resultados. Mas, tornando á arte. Aqui o espirituismo traduz-se por subjectivismo, e por mais objectividade que a arte tome, é sempre espirituista, porque tende a dar vida ao inanimado e de certo modo animá-lo. Isto vê-se agora bem na Russia, onde impera um materialismo dogmatico, o chamado materialismo dialectico, e todavia os seus artistas e poetas conseguem, como não fora ainda possível, extrair da maquina, da officina, do labor manual e até da economia politica, lirismo da mais fina subjectividade. Compreende-se. E' porque entre o homem e essas coisas, para nós banais ou doutra esfera do pensamento, se estabeleceu uma concordancia moral, uma intimidade affectiva, inexistentes até aqui. Arte é simpatia, como muito bem disse Guyan.

—Nota influencias estrangeiras na nossa literatura de hoje?

Manuel Ribeiro é das figuras mais curiosas da nossa literatura. Vindo das fileiras avançadas da luta social, onde agitou a «Bandeira Vermelha», jornal amplo de ideias que aglutinou á sua volta um numeroso grupo de anarquistas intellectuais, o escritor acompanha depois, desinteressado e veemente, servindo-se de todos os recursos da sua pena, o movimento sindical operario. Os seus artigos são devorados. Correm de mão em mão. Fala-se de Manuel Ribeiro como duma esperanza. E' uma das espigas altas da seara operaria. Manuel Ribeiro confina-se, porém, no plano estritamente intellectual. O homem de gabinete não desce á rua. Desse banho lustral de humanidade salgado de muitas lagrimas e sofrimentos, ficam a Manuel Ribeiro quando, propriamente, inicia a sua obra de romancista, marcando uma tendencia nitidamente cristã, um amor e uma piedade profundas por todos os humilhados e espoliados da vida. A sua aspiração ou inspiração social mantem-se, embora sofrendo incisivas modificações. O evangelizador social torna-se o evangelizador cristão, mas nas proprias raizes da doutrina, sem abdicar do seu passado rebelde. O escritor, que até então vivera exteriorizando a sua alma e a sua intelligencia, recolhe-se sobre si mesmo, e medita. Outra luz rompe no seu espirito, doce, doirada, quanto a outra fôr vermelha e ardente. São esses dois focos luminosos que esclarecem toda a sua obra. Surge «A Catedral» modelada sobre as naves vetustas da Sé, construção talvez simbolica dum outro mundo, duma outra harmonia humana, com escaladas de sonho e de ideal. Mas quem levantou as naves, cinzelou os capiteis, debuxou as rosaceas, convertendo a pedra em beleza e misticismo? A multidão que é, afinal, a personagem principal da obra que tanta celebridade devia dar ao seu autor.

Escreve depois o «Deserto», onde se recorta o perfil da cartuxa de Miraflores, numa paisagem de almas asceticas, e a «Planicie Heroica», que parece marcar uma transição no pensamento literario de Manuel Ribeiro.

A sua resposta ao nosso inquerito literario tem um alto interesse. E' um documento claro, frio de analyse e, como não podia deixar de ser, vindo de quem o subscrive. Manuel Ribeiro projecta-se em carne de espirito e alma emotiva sobre uma literatura—ele o proclama—que seja instrumento de progresso e perfeição humanos.

—Se as ha, têm-me passado despercebidas. O populismo, muito encomiado e mais susceptível de propagar-se, não passa duma illustração da arte proletaria, com poucas simpatias nos meios culturais da vanguarda, por ser meramente expressionista e documentario. O psicologismo francês, já classico, continua a reinar, á falta de melhor. Esta tendencia assenta a muitos. Não ha que recear. O colectivo não subordina somente: integra, incorpora mais completamente; não de-

minue nem prejudica a expansão da personalidade, refreia apenas o individualismo, que é outra coisa. Nem sempre se faz esta distincção.

—Falou nas perspectivas sociais da arte. Que entende por arte social?

—Dum modo geral, a arte que tem por finalidade immediata o bem comum; um instrumento de progresso e de perfeição humana. Dificilmente a podemos conceber nas sociedades actuais em que o egoismo individual se não coordena ao bem colectivo, e

arte, como ensinam os evolucionistas, passa ainda por ser um jogo do espirito, cujo objectivo principal, se não unico, é distrair, divertir. Mais correntemente se chama arte social á literatura proletaria, ou seja a literatura posta ao serviço de ideais inovadores, um como que militantismo intellectual que traduz em formulas de artet as aspirações das massas trabalhadoras. E' uma accepção restrita em que muitos vêem o inconveniente dos particularismos de classe, além de pouco praticavel fóra do proletariado. De facto, não se pode fazer boa arte proletaria sem ser proletario. Barbusse, que é ardente apologista desta arte, apenas tentou leves ensaios. Pierre Hamp escreveu algumas novelas apreciáveis. Zola teve mais ressonancia, por ser uma poderosa individualidade literaria. Mas que diferenca entre o «Germinal» e as obras dos novos romancistas sovieticos! E' que Zola, embora se documentasse sobre factos reais, tinha sempre que retocar e acabar os tipos, amplificava a acção fóra de toda a verosimilhança, em suma, criava no vacuo; ao passo que os russos retallham no bloco inteiro da realidade, estruturam na vida social, e não só os banha um ambiente castigamente proletario, mas são eles mesmos proletarios. O maior escolho do arte social é a intenção. Na Russia, a arte perdeu já o caracter intencional para se tornar o propri ritmo da vida.

—Como encara o valor do poema? Acha que ele tem ganho ou perdido, modernamente?

—A poesia tem progredido. Restringiram-se é certo os seus limites e cultiva-se menos o erro; mas o que a poesia perdeu em superficie, ganhou-o em profundidade. E' inegavel que ela se apura e afina psicologica mente. Nada de declamatorio e orquestral. Simples e suave, um fôlego mais curto, ritmos insinuantes e variados, que nada lembram o martelante compasso doutroa. Maria Beirão, grande poeta nacionalista, incarna bem esta nova fase da poesia, que tem um dos seus melhores interpretes em Fausto José, autor da «Fonte Branca», surpreendente revelação.

—Ha agora mais interesse pela literatura e aumentaram as tarefas editoriais?

—Lê-se agora mais, porque ha mais livros, maior expansão comicial, e uma publicidade dos editores desconhecida noutros tempos; mas escasseia o gosto literario, menos apurado que outrora. A mocidade desinteressase da literatura, não cria cenáculos, não funda revistas, não discute nem toma calor pelas obras literarias. As causas são multiplas e bem conhecidas para que as aponte. As relações entre o autor e o editor melhoraram e ambos estão mais unidos no interesse comum. Os editores não se aguentam exclusivamente com a produção nacional, e o grande recurso é ainda, para muitos, a tradução. Ora a verdade é esta:—por excelente que seja a tradução duma obra boa, fica sempre inferior a um original mediano. Haveria vantagem em impôr, na literatura, bem entendido, a produção nacional. O reclamo que se faz para colocar um autor estrangeiro, desconhecido do grande publico das traduções, seria melhor aplicado aos escritores que não têm facil publicação editorial.

DUAS OBRAS DA ACADEMIA

A Academia das Ciencias deu agora á estampa mais duas obras que são «Arianos e Semitas nos primordios da civilização», pelo dr. Luiz da Cunha Gonçalves, e «o primitivo teatro português e o teatro da Nova Russia», pelo dr. Sousa Costa. São duas novas produções do Instituto de Altos Estudos, que tão fértil tem sido desde que foi criado.

O trabalho do sr. dr. Cunha Gonçalves dá-nos com superior criterio um aspecto geral da questão das raças, da origem e emigrações dos Arianos, do estado social e civilização dos Arianos em tempos pré-historicos, dos traços gerais da civilização a historia dos povos mesopotamicos, do confronto entre as civilizações primitivas dos Arianos e dos Semitas, da agricultura e da pastoricia, da cidade semita e a aldeia ariana, da invenção do teijolo, da invenção da escrita cuneiforme e o ladrilho da navegação, commercio, obras hydraulicas, do Estado e do direito.

E' um manual sucincto para quem quiser iniciar-se nos estudos da historia primitiva dos Arianos e Semitas.

O trabalho do sr. dr. Sousa Costa é um apanhado feliz do que foi o teatro português dos primeiros tempos em comparação com o que é o actual teatro da Nova Russia o que em síntese diz o A. nestas linhas:—«Mais no fito de lembrar do que no prurido de solucionar, vou pôr em confronto duas eras imensamente afastadas—a Idade Média e a Idade Vermelha—na intenção é certo, de lembrar que a Humanidade se repete, seja qual for a sua idade ou a sua cor, em circumstancias semelhantes; mas em especial, e assim fica esclarecida a já anunciada finalidade destas palestras, no desejo de acentuar o que fazem, como laboram, os bons ou maus—não arvorar no pleito vara de juiz—que querem viver, que pretendem impôr-se».

«JESUS PEQUENINO»

O brilhante poeta Adolfo Simões Muller tem agora no prelo um lin lo poema—«Jesus Pequeno»—que vai constituir, decerto, o melhor bonito do Natal das crianças. «Jesus Pequeno» é posto á venda ainda esta semana.

UM LIVRO DE ALTO VALOR**NOVO MANUAL DO ELECTRICISTA**

pelo Eng. Hugo Pinto de Moraes Sarmento

1 volume de 424 paginas e 246 gravuras, encadernado em percalina

Esc. 25\$00; pelo correio, á cobrança, Esc. 27\$00

A' venda nas livrarias. Pedidos á Livraria Bertrand, Rua Garrett, 73

LISBOA

PANORAMA UNIVERSAL

POLITICA

A Pequena Entente

No novo «semanario internacional» *La Tribune des Nations*, dirigido por Jean de Rovera e que escolheu para divisa uma rispida sentença de Vauvenargues («O vicio fomenta a guerra, a virtude combate-a»), o sr. Nicolas Jorga, antigo presidente do conselho romeno, escreve estas pertinentes linhas acerca do futuro da Pequena Entente e das possibilidades de reconstrução do imperio austro-hungaro:

«Certos homens politicos, decerto bem intencionados, mas sem nenhum sentido da Historia, nem ás vezes mesmo das realidades de hoje, que vêem numa Confederação Danubiana, de contornos mais ou menos vagos, uma panacea para os sofrimentos de varios Estados do após-guerra e para os transtornos que eles causam ao que ainda resta do «sistema europeu», pensam assim, sem o confessarem a si proprios, numa refacção da antiga monarquia dos Habsburgos».

Isto é assim mesmo. E Nicolas Jorga, fundando-se nos melhores raciocinios, analisando detidamente um vasto passado historico, declara perentoriamente não acreditar na eficacia de tal reformação.

As razões que apresenta são efectivamente de ponderar. O imperio austro-hungaro não resultou duma associação voluntaria, duma fraternização nacional entre lungaros e austriacos. Deve-se apenas a um pacto de familia esse direito de sucessão territorial, direito que comprehendia «por um simples acaso» a Boémia, hoje integrada na Checoslováquia.

E Nicolas Jorga, depois de afirmar que «regras historicas inegaveis explicam e desculpam tudo o que transcorre a combinações mais ou menos artificiais em que se apoia o estado actual da Europa», conclui que «toda a tentativa para dar formas ao que não existe, mesmo em principio, significa mais um desses atentados da ideologia diplomatica que tanto contribuíram para criar a instabilidade presente».

O Reizinho

Na esplendida revista americana *Vanity Fair*, John Gunther publica um muito curioso artigo intitulado «O novo rei da Jugoeslavia» e portador deste sub-titulo de mau agouro: «Luz sobre o negro futuro de Pedro II, reizinho dum país onde os reis têm um fraco seguro de vida».

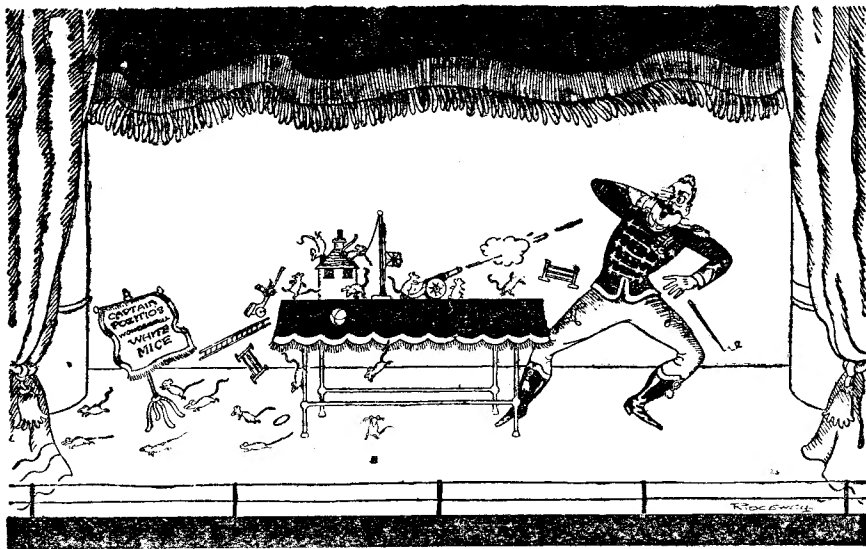
Começa por dissecar, com aquela leveza de mão característica dos americanos (grandes cirurgiões, grandes atiradores, grandes artistas de circo, etc.), a arvore genealogica do jovem rei. Não vai «por quatro caminhos», como faria qualquer historiador francês da escola da Fustel de Coulanges, para declarar que a dinastia dos Karageorgevitch (o que significa, traduzido á letra «Filhos de Jorge, o Negro»), que a realza sérvia, «o sangue mais azul dos Balcanes», descende de capitães de bandidos, guerrilheiros das montanhas e salteadores. Fã-lo, no entanto, sem qualquer espirito anti-monarquico por pura honestidade de informação. E escreve este pitoresco paragrafo:

«A vida de Pedro foi mui fortemente influenciada pela sua afeição por seu pai, politicamente duro mas pessoalmente encantador. Temos pois que examinar rapidamente o caracter do falecido Alexandre. Alexandre era um fenomeno enigmatico e desconcertante. Parecia um dentista. Era aspero como um rebatador profissional. Certas secções do seu país detestavam-no como um tirano sem coração; mas muitas pessoas que conheço e em que confio dizem-me que, nos serões tranquilos do palacio, era tão encantador e considerado como a Europa sabe».

«Interessavam-no três coisas: dinheiro, poder e soldados. O Parlamento jugoeslavo votara-lhe um milhão de dolares (23 mil contos) por ano de ordenado, soma tremenda para um monarca balcanico».

John Gunther aponta outros pormenores: Alexandre possuía em vida 23 automoveis «Packard»; sabia guiar;

HUMORISMO INGLEZ



REVOLTA!

Esta caricatura de Rudgewell, publicada pelo «Punch», é um exemplo tipico de humorismo inglês. O humorismo possui tambem uma tecnica, como ha dias o sr. Vasco Madeira explicou muito inteligentemente num banquete do Rotary Club. Falta-nos o espaço para analisarmos convenientemente as razões por que «faz rir» este caso dos ratos amestrados que se revoltam contra o artista que os apresenta. Além da obediencia aos principios fundamentais do contraste flagrante, da logica impossivel e da hipertrofia dos valores secundarios, o caricaturista jogou com os seguintes elementos: o uniforme de «domador de lões» envergado pelo homem; o aproveitamento racional dos brinquedos que os ratos aprenderam a manejar; a ideia preconcebida duma conspiração e o momento escolhido para a revolta: o inicio do espectáculo

austerissimo, nunca conheceu outra mulher senão a sua; trabalhava 14 a 16 horas por dia, e trajava sempre uniforme».

A travessia do Atlantico representa não só avanço no espaço, mas no tempo. Sob a impressão do tragico atentado de Marselha, qual seria o europeu capaz de escrever tão a frio esta singela pagina de historia? Recordamos uma frase que ouvimos ao poeta Fernand Gregh depois da sua viagem aos E. U. A. — Deste lado é a Grecia. Do lado de lá, já é Roma.

LITERATURA

O caso Victor Hugo

De vez em quando ha um francês (sempre um francês) que se lembra de declarar simplesmente isto: — Victor Hugo foi um prodigioso imbecil!

Ha poucas semanas, voltou a surgir, como um cometa infalivel, um desses cavalheiros. E, como de costume, tregaram-se armas na imprensa e nos cafés.

De toda a tinta corrida sobre o estafado caso, são de reter os centilhões saídos da caneta de François Porché para o seu artigo das *Nouvelles Littéraires*, «A Inteligencia de Hugo».

— Reparem bem, diz-nos o arguto ensaista: «sempre que se taxa Victor Hugo de estupidez (o que se reproduz cerca de uma vez por lustro de ha oitenta anos para cá), atribui-se a essa estupidez os caracteres do gigantesco e do fabuloso».

Cita o epiteto celebre de Louis Veuillot «Jocrisse em Pathmos», e aquele outro: «Estupido como o Himalaia». E deduz: «Todo o insultador de Hugo sente a necessidade de elevar o insulto — pelo menos tanto quanto possível — ao nível da propria imaginação hugoliana; pede-lhe emprestadas as suas proprias cores para colorir com elas o ultraje, como que sentindo o ridiculo que haveria em pretender simplesmente que esse grande poeta não passava dum burro com cinco letras».

Logo atribui á politica as razões que levam algum a escarnecer o autor dos «Misérables». E lamenta o sectarismo que condiciona a admiração e a critica:

«Gostaria que um anti-democrata reconhecesse em Victor Hugo, com entusiasmo, outra coisa mais que uma imaginação e uma retorica excepcionais: uma fulgurante superioridade intelectual, sub-entendendo-se que o pensamento dum poeta genial tem as suas vias, que não é possível fazer

coincidir com as do raciocinio comum».

A esclarecer muito habilmente o seu ponto de vista, François Porché entra decididamente na polemica, do lado do gigante:

«Considerados fora das fatalidades da evolução historica, fora do envilecimento que, no plano politico, é a sua marca actual, os grandes temas hugolianos guardam, a meu ver, toda a sua virtude... «Para provar a inteligencia de Hugo não é preciso ir buscar ás «Coisas Vistas» testemunhos da sua lucidez, da sua perspicacia. E' na propria adaptação do seu temperamento poetico aos seus temas favoritos que a inteligencia, ao lado da intuição, representa um papel consideravel. A estupidez consistiria em querer, in hymnis et canticis, ser mais preciso, intelectualizar os mitos, racionalizar os grandes sópros errantes em que se esboçam estranhas figuras. E o milagre que nos confunde é o daquela voz igual aos elementos, ruidosa, murmurante, tonitroante, aquela voz tão forte e no entanto vaga...»

Pirandello e Bernard Shaw

Tambem nas *Nouvelles Littéraires*, Alfred Kerr conta uma anecdota que, a nosso ver, caracteriza a personalidade de Pirandello, o dramaturgo italiano a quem foi conferido este ano o Premio Nobel de Literatura.

Na Embaixada da Italia em Berlim, alguém perguntou ao autor do «Falecido Mathias Pascal» qual era a diferenca fundamental que distinguia Bernard Shaw dele proprio, Pirandello.

A resposta veio. E' um mixto exquisito de modestia e de orgulho.

Começou por dizer, muito naturalmente, como qualquer diria:

«Shaw é um autor admiravel...». Depois, acrescentou: «Shaw parece-me um maravilhozo produto da esfera e do dominio anglo-saxões; ao passo que eu sou mais propriamente filho deste planeta».

CIENCIAS

Ritmos organicos

Precedendo um interessantissimo estudo intitulado «Ritmo Nictemeral da Glicoregulação e sensibilidade á insulina», lemos na *Presse Médicale* esta valiosa exposição:

«E' facil acreditar que certos órgãos, certas glandulas de secreção interna, em particular, funcionam segundo um ritmo autonomo de que não conhecemos nem a modalidade nem o mecanismo. Alguns autores escandinavos,

Forsgren, Hatlehol, Mollerstrom, em varios trabalhos e desde ha alguns anos, tentam provar que o trabalho do figado obedece a uma lei de periodicidade independente dos factores exogenos, das refeições, em particular. Durante uma fase de assimilação, principalmente nocturna, o glicogenio acumula-se na nas celulas hepaticas e durante o periodo de secreção, principalmente diurna, a bilis seria eliminada no duodeno. Durante a manhã, o figado utilizaria as reservas de glicogenio acumuladas durante a noite; e dando-se o maximo de secreção biliar pelas primeiras horas da tarde, corresponderia ao esgotamento das reservas hidrocarbonadas.

«Um ritmo nictemeral analogo existiria igualmente para a agua, o azoto e mesmo para o calcio».

Eric Martin e F. Scielounoff, os dois medicos suíços que assinam o estudo em questão, expõem seguidamente as experiencias em que se baseiam os escandinavos citados, elogiando as vantagens da applicação dessa teoria no tratamento dos diabeticos.

«Concluimos assim que essa noção dum ritmo endogeno, nictemeral, nas funções dum órgão como o figado, noção que parecia não ter, a principio, senão uma importancia teorica e doutrinal, apresenta, pelo contrario um interesse pratico. Permite-nos compreender melhor certas reacções inesperadas aos tratamentos insulínicos. Ensina-nos a maneira de evitar os riscos de accidentes hipoglicémicos».

Nunca nos cansaremos de admirar os segredos da maquina humana e aqueles que procuram pertinazmente desvendá-los para bem do mundo.

MUSICA

O verdadeiro «jazz»

A mesma «incompreensão dos snobs» que condenou o «bon assumto» na pintura, arrisca-nos a matar á nascença a mais contemporanea das modalidades musicais: o jazz.

Se é possível estabelecer como um postulado que nenhum dos inimigos do jazz sabe sequer o que é o jazz — podem enfileirar no mesmo lote 90 por cento dos seus admiradores.

Quando da visita de CabCalloway a Paris, Dominique Sordet indignava-se justamente contra a forma como o aplaudiam aquelas mesmas pessoas que meses antes haviam aplaudido Duke Ellington. Por isso tanto para os amigos incondicionais (por incompreensão) como para os inimigos (por ignorancia) do jazz é utilissima a *mise-au-point* feita por Octave Béliard no seu artigo «Defesa e illustração do jazz» que a revista *Les Annales* publica no seu ultimo numero.

Octave Béliard formula assim o postulado supra-estabelecido: «Muitas pessoas falam do jazz, bem ou mal, *sem nunca o terem ouvido!*... Isso, que á primeira vista parece impossivel, dada a popularidade de centenas de discos e de dezenas de postos radio-emissores, é facilmente explicado a seguir:

«Para constituir o jazz, é preciso alguma coisa mais que uma orquestra composta de certos instrumentos recurvados, de violas e de banjos, duma bateria estranha e multipla. E o jazz, embora muito ritmado, não é necessariamente destinado a fazer dançar; apesar-das suas sonoridades e dos seus efeitos de timbres, não tem nada tam-pouco de essencialmente «reinado» para acompanhar as ceias dos pandegos e a mosquetaria das rolhas de champanhe».

«Ao passo que, na musica tradicional, a personalidade do executante é limitada á sua maneira de tocar e dominada pela personalidade do compositor de que o executante deve traduzir instrumentalmente a invenção com rigor, no jazz o compositor não é ninguém, o tema musical não passa dum pretexto apanhado ao acaso e o interesse do trecho é criado pelo canto livre de um ou de varios solistas que improvisam, com esse tema por ponto de partida, sobre um modo tonal adoptado e uma trama ritmica».

E' o suficiente para dar que pensar a muitos musicos e a muitos amadores.

LEONARDO